

Organização



Apoio



XXI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA USP



PROGRAMAÇÃO E CADERNO DE RESUMOS

Financiamento



2018

USP

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

FFLCH

Diretora: Prof.^a Dr.^a Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Reitor: Prof. Dr. Paulo Martins

Departamento de Filosofia

Chefe: Prof. Dr. Luiz Repa

Vice-chefe: Prof. Dr. Oliver Tolle

Coordenação de Pesquisa

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Oliveira

Prof. Dr. Marco Aurélio Werle

Programa PET Filosofia

Coordenação: Prof. Dr. Maurício Cardoso Keinert

Comissão organizadora:

Álvaro Itie Febrônio Nonaka

Ana Carolina Marinho de Souza

Dani Barki Minkovicius

Elizete Waughan da Silva

Eugênio Mesquita Higgins Azevedo dos Santos

Israel Rossi Milhomem

Lucas de Niemeyer Barreira Mancilha

Malu Pellachin de Souza Simongini Chioda

Renata Valmore Anes

Ricardo Polidoro Mendes

Vinicius Paiola de Oliveira

Thais Vasconcelos Rodrigues

Departamento de Filosofia

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315

Cidade Universitária | São Paulo | SP | Brasil

filosofia.فلch.usp.br

filosofo@usp.br

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), à Superintendência de Assistência Social (SAS) e ao Serviço de Artes Gráficas, que propiciaram condições materiais para a realização do evento. Agradecemos, também, aos professores e estudantes que aceitaram participar e colaborar com o evento. Não podemos deixar de mencionar o auxílio das funcionárias e dos funcionários de nosso Departamento, sem os quais o evento não poderia acontecer.

HISTÓRICO DO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA USP

No ano de 2018, o Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP comemora sua 21ª edição. Nascido do Programa de Iniciação Científica do Departamento de Filosofia da USP (implementado em 1995), rapidamente tornou-se um evento nacional.

Durante todos esses anos, manteve suas principais características: organizado e dirigido por estudantes, livre de pretensões burocráticas, aberto às mais diversas perspectivas de trabalho filosófico e servindo de ponto de encontro para os representantes de uma mesma geração acadêmica. Um evento simultaneamente produtivo e agradável que reúne gente que gosta de discutir Filosofia.

Que continue sempre assim!

Comissão Organizadora

CONFERÊNCIAS

O tema do Encontro deste ano é “Presente Contextualizado: filosofia em movimento”. As professoras e os professores terão suas falas relacionadas ao tema e às suas trajetórias acadêmicas.

SEGUNDA-FEIRA - 23/04 – 18h30 – Sala 14 (auditório)

José Arthur Giannotti (DF | FFLCH | USP) e

Luiz Damon Santos Moutinho (DF | UFSCar):

“Em torno de uma definição da política”

TERÇA-FEIRA - 24/04 – 18h30 - Sala 08 (auditório)

Pablo Rubén Mariconda (DF | FFLCH | USP):

“Riscos tecnológicos e a necessidade da pesquisa multi-estratégica”

Ivan Domingues (DF | UFMG):

“As novas biotecnologias e a questão antropológica: implicações morais”

QUARTA-FEIRA - 25/04 – 18h30 - Sala 08 (auditório)

Silvana de Souza Ramos (DF | FFLCH | USP):

“Representação e sociedade autoritária”

Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (DF | FFLCH | USP):

“A ideia de representação: origem e problemas”

QUINTA-FEIRA - 26/04 – 18h30 - Sala 08 (auditório)

Lorenzo Mammì (DF | FFLCH | USP):

“A noção da experiência na arte contemporânea”

Taisa Helena Pascale Palhares (DF | IFCH | UNICAMP):

“Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman: estética e política das imagens”

Ricardo Nascimento Fabbrini (DF | FFLCH | USP):

“Estética e política, hoje”

SEXTA-FEIRA – 27/04 – 17h00 - Sala 14 (auditório)

Rosane da Silva Borges (USJT – ECA | USP)

“O presente contextualizado: uma política comum e os desafios em torno de raça e gênero”

André Vítor Singer (DCP | FFLCH | USP):

“O avanço de Dilma Rousseff e as causas do golpe parlamentar”

Marcos Severino Nobre (DF | IFCH | UNICAMP):

“O que podemos esperar do processo eleitoral de 2018?”

Maria Lygia Quartim de Moraes (DS | IFCH | UNICAMP):

“O futuro do passado”

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

SEGUNDA-FEIRA 23/04

MESA 01 – GÊNERO, FEMINISMO E IDENTIDADE

(10:00 – 12:00) - sala 106-A

Coordenadora: Clêmie Ferreira Blaud (Mestranda)

Sarah Bonfim Matos Nunes (UFABC)

Orientação: Aléxia Bretas

Financiamento: CNPq

E-mail: bonfim.sarah@aluno.ufabc.edu.br

“Capitalismo e mulheres: as insuficiências da segunda onda à luz de um breve histórico”

O impacto de um sistema econômico sobre a vida de uma população adquire grandes proporções e, em metade dessa população, o efeito é ainda maior. A partir das tensões e intersecções entre o capitalismo e as mulheres, este trabalho tem objetiva discutir os modos pelos quais este sistema econômico incide sobre as mulheres, sendo um importante fator a delimitar as condições de produção e reprodução da vida. Partindo de uma perspectiva histórica e materialista, este trabalho busca traçar as bases de fundação da sociedade patriarcal, resgatando as origens da institucionalização da segregação e da violência contra a mulher em suas mais diversas configurações. Por fim, pretende-se discutir a análise da segunda onda do feminismo realizada por Nancy Fraser, cujo marco foi precisamente a elaboração do que seriam as três dimensões da injustiça social (redistribuição, reconhecimento e representação).

Caroline Domingues Silva da Costa (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

E-mail: carolscosta21@gmail.com

“Hannah Arendt e teorias feministas: uma diálogo (im) possível?”

Hannah Arendt traz a reflexão sobre a pluralidade no âmbito da contemporaneidade, na qual consiste na ideia de que todo ser humano é único, mas sua singularidade só se estabelece em relação aos outros seres humanos. Por meio de algumas de suas obras, é possível notar que, mesmo com Arendt declarando-se na condição de mulher não feminista, algumas de suas ideias condizem com o feminismo, ressaltando aqui, principalmente, a sua concepção de natalidade e ação. A partir de seus pensamentos e definições de espaços público e privado, buscamos ressaltar suas implicações para a teoria feminista e apontar características que nos levariam a entender e aprofundar no assunto. Além do mais, pretendemos traçar uma linha histórica sobre as três ondas do feminismo e suas consequências. Acreditamos que essa análise será de extrema importância para relacionarmos com as concepções trazidas por Arendt.

Giovanna Toledo (UFABC)

Orientação: Marinê de Souza Pereira

Financiamento: CNPq

E-mail: toledogiovanna.gt@gmail.com

“Os papéis da Mulher no Surrealismo”

O projeto de pesquisa que desejo apresentar tem por objetivo a compreensão dos papéis da mulher no surrealismo, seja como musa inspiradora, seja como artista. Trata-se também de investigar se e como o papel da mulher na arte é um reflexo do papel dela na sociedade da época, e vice-versa, visando questionar o caráter revolucionário do movimento no que concerne à representação e atuação das mulheres que, de algum modo, dele participaram. Para chegar a tal objetivo, utilizarei a psicanálise de Freud - por conta de sua tamanha influência no movimento surrealista. E, além disso, a crítica que Simone de Beauvoir realiza a psicanálise freudiana tendo como base a questão de gênero. Utilizarei também tal caminho para analisar obras de artistas surrealistas.

Gabriela Almeida de Oliveira (UEAP)

Orientação: Dilnéia Rochana Tavares do Couto

Financiamento: PIBIC

E-mail: olvra@hotmail.com.br

“Fraser e a superação do binômio redistribuição/reconhecimento: um aporte teórico para a construção da identidade da mulher”

Ao identificar a naturalização das diferenças de gênero como consequência biológica que acarreta conflitos inerentes às suas origens culturais, Fraser aponta que a injustiça se dá devido à luta entre classes individualizadas que se ramificam e distinguem: por uma parte, aquelas lutas que se originam em virtude da estrutura econômico-política e, por outra parte, em função da cultura valorativa da sociedade. Diante disso, a filósofa se propõe analisar duas esferas, quais sejam: a esfera da injustiça econômica e da injustiça cultural, estas entendidas como possibilidade de compreender o conjunto de injustiças equivalentes às categorias da redistribuição e do reconhecimento. Por conseguinte, a autora assume o projeto teórico de desenhar uma teoria da justiça que se sustente na superação desta divisão política, econômica e social que supõe a separação das categorias políticas redistribuição e reconhecimento. Portanto, assumindo que o pensamento de Fraser abre espaço para pensar uma teoria da justiça que seja capaz de ir além da estrutura formal que se sustenta no binômio redistribuição/reconhecimento, é relevante considerar a importância desta proposta para a construção da identidade da mulher. Isto é, compreender o quão efetivo este projeto teórico tende a ser para que se cumpra com a relação subjacente entre macro política e micro política. Em outras palavras, entender como o projeto macro político apontado por Fraser é capaz de responder às demandas micropolíticas de construção de identidade da mulher. Em suma, o problema de pesquisa que se propõe analisar é: Como a proposta de uma teoria da justiça suscitada por Fraser pode contribuir para a construção de uma identidade da mulher?

Gesielly Henrique de Souza (UFG)

Orientação: Carmelita Brito de Freitas Felício

Financiamento: CAPES

E-mail: gesielly23@yahoo.com.br

“A melancolia nas identidades não normativas”

O trabalho se propõe a traçar uma relação entre o conceito freudiano de melancolia e a construção da identidade de si em sujeitos não normativos, mostrando a influência da norma, a partir da leitura de Judith Butler. A melancolia para Freud é um sentimento da perda de um objeto, geralmente de

caráter ideal. Através do processo melancólico de assimilação ocorre uma identificação com elementos do objeto perdido, o que se torna posteriormente parte da identidade do sujeito, fazendo parte da construção de si. Para Butler, a construção da identidade é sempre relacional e em certa medida opaca e parcial, o que faz os relatos sobre si e sobre os outros serem apenas circunstanciais e submetidos às normas da sociedade. Essas normas se dão a partir das relações de poder e tem valor quase legislador sobre os corpos.

MESA 02 – HANNAH ARENDT I

(10:00 - 12:00) - sala 106-B

Coordenadora: Maria Edivânia Vicente dos Santos (Pós-doutoranda)

Ival de Andrade Picanço Neto (UFPA)

Orientação: Ivan Risaffi de Pontes

Financiamento:

E-mail: ivalneto01@gmail.com

“A Ação Política em Hannah Arendt”

Essa comunicação tem como objetivo realizar uma reflexão crítica sobre a concepção de ação política nas obras *Entre o passado e o futuro*, *Crises da república* e *a Condição Humana* de Hannah Arendt. Por sua vez, a análise de conceitos-chaves do pensamento político da autora - como trabalho, obra, ação, vida activa e contemplativa, natalidade, morte e pluralidade - tem como foco demonstrar a relação entre esses conceitos e a ação política que Arendt entende como atividade própria da condição humana. Tornar-se-á claro como estes conceitos se desenham no decorrer das obras citadas e suas contribuições para a definição da condição humana arendtiana. Serão ainda estabelecidos breves paralelos com a fenomenologia de Martin Heidegger e com as obras *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo que contribuirão para o esclarecimento da ação política como aspecto central da vida activa e da condição humana.

Victor Frohlich (FFLCH | USP)

Orientação: Alex de Campos Moura

Financiamento: PUB | USP

E-mail: fcortez.victor@gmail.com

“Necessidade e Vida em Hannah Arendt”

Pretende-se estudar o conceito de necessidade na obra de Hannah Arendt, observando os desenvolvimentos argumentativos deste tema pela autora e suas implicações em sua marcadamente original perspectiva política. Serão abordados alguns dos argumentos centrais de *"A Condição Humana"*, sobretudo acerca da distinção grega entre as esferas pública e privada e sobre a importância

da liberação das obrigações vitais e domésticas para a possibilidade de liberdade política, identificada assim por Arendt como a principal prerrogativa para a bios politikos. Acreditamos que tal investigação é, além de central, imprescindível para aqueles que pretendem refletir sobre o pensamento arendtiano e sobre a política em geral, uma vez que a necessidade e seus ônus, enquanto tais, figuram como inexoráveis a todos os viventes, o que se faz sentir, de algum modo, até mesmo na vida política e na liberdade.

Vitor Hugo de Lima Monteiro (UFPA)

Orientação: Ivan Risafi de Pontes

Financiamento:

E-mail: vitorhugobox@gmail.com

“Ação... Uma perspectiva arendiana”

O presente trabalho analisará, no contexto dos textos de Hannah Arendt, os conceitos fundamentais para o desenvolvimento da Ação Política, pelos quais a pensadora nos indica sua abordagem da formação da ação política como ação humana. Avaliaremos também como se desenvolve a conceituação de ação na obra da autora, A Condição Humana, que tem também como objeto de reflexão as relações existentes na esfera privada e pública da Grécia antiga – vale ressaltar que ambas serão dissolvidas à esfera social no mundo moderno. Junto a essas dependências analisaremos o papel das “associações voluntárias” como fenômeno que direciona a ação política, bem como o valor que a persuasão alcança dentro da relação entre a posição política dos indivíduos e o estado de autoridade.

Ana Lúcia Feliciano (UFJS)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: FAPEMIG

E-mail: luh.feliciiano@gmail.com

“A ação humana como categoria política em Hannah Arendt: o envolvimento com o outro e com o mundo”

No pensamento arendtiano, a relação entre a ação e a política tem como ponto central a dimensão pública da existência humana. O seu cerne é significativa presença dos homens, que se manifestam e se associam por meio da ação e da fala. Arendt explicita que essas capacidades só tem sentido enquanto são correlatas, possibilitando o desvelamento da unicidade, bem como, o inter-

relacionamento humano. Segundo a pensadora, os feitos e as palavras revelam "quem" o homem é, uma vez que trazem à tona a distinção e a novidade do sujeito. Fato possível, pois cada homem é único em razão de seu nascimento, isto é, nunca se viu tal criatura no mundo e sua vinda é a expressão de um começo. Destarte, considerando a interpretação de Hannah Arendt nossa pretensão é analisar o conceito político de ação, a saber, sua configuração enquanto "initium", como manifestação da liberdade e condição para a política.

Vanessa Alves Lopes (UFJS)

Orientação: Jose Luiz Oliveira

E-mail: vhanessa_alveslopes@hotmail.com

“Liberdade e necessidade no pensamento de Hannah Arendt”

Nas análises de Hannah Arendt, os conceitos de liberdade e de libertação aparecem como questões fundamentais para a vida do homem no que diz respeito à ação política. Por um lado, na perspectiva arendtiana, deve se assegurar ao homem os direitos de acesso aos processos vitais necessários para a sua manutenção na sociedade. Por outro, a liberdade política deve ser alcançada através da vivência em espaços públicos. A busca da superação das necessidades biológicas pelo homem alcançou um grau de evidência, em detrimento da liberdade política vivenciada nesses espaços. Contudo, não é possível ocorrer participação política, enquanto o homem não se desprender de conflitos de ordens materiais da vida. Nosso propósito é explicitar de que maneira não se deve existir participação política sem que as necessidades de sobrevivência biológica sejam superadas.

MESA 03 - FILOSOFIA MEDIEVAL

(10:00 – 12:00) - sala 100

Coordenador(a): Gustavo Barreto Vilhena de Paiva (Pós-doutorando)

Andrey Augusto Fonseca Farias (UFPA)

Orientação: Jonathan Molinari

E-mail: andrey.farias.3954@gmail.com

“Sobre o suicídio em Santo Agostinho”

Este trabalho tem como objetivo analisar a objeção sobre o suicídio da obra O Livre Arbítrio escrita por Santo Agostinho, entender porque é uma negação da existência e tentar elaborar uma ligação entre o conceito de liberdade e o conceito de felicidade, demonstrar como Agostinho critica o desejo da própria morte para sustentar filosoficamente os argumentos sobre o suicídio. E para alcançar o objetivo deste trabalho iremos percorrer algumas ideias propostas na argumentação apresentada pelo filósofo, que procura um meio de esclarecer porque ninguém quer deixar de existir e atribuindo a existência ao sumo Ser, a saber, é Deus.

Mauro Luiz do Nascimento Júnior (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

E-mail: maurochunlay@gmail.com

“Considerações iniciais acerca da possibilidade de um paradoxo entre Livre-arbítrio e Predestinação em Agostinho”

Nos seus escritos, Agostinho (354 d.C./430 d.C) inaugura, a chamada filosofia da vontade – liberdade na interioridade. Dentro desse itinerário intelectual, mostra-se, também, o caráter da subjetividade humana no discernimento do que é o bem, o mal e, sobretudo, Deus. Diante dos conceitos de liberdade e vontade, cria-se uma aparente contradição entre Livre-arbítrio e predestinação. Livre-arbítrio no senso comum implica cotidianamente numa liberdade “absoluta” – isto é, fazer tudo que se quer. Assim, dentro desse âmbito existencial, o célebre filho de Mônica evidencia que o livre-arbítrio e predestinação só existem enquanto o ser humano segue o caminho do bem, a Boa Vontade. Portanto, desse modo, reverbera se um aparente paradoxo.

Paulo Jorge Barreira Leandro (FFLCH | USP)

Orientação: Lorenzo Mammi

E-mail: benjoim7@gmail.com

“Agostinho e Bergson: tempo e interioridade na Música”

O presente trabalho de pesquisa surge com o intuito de demarcar na filosofia de Agostinho a importância da música como dimensão sensível estética para a experiência do amor à Deus. Neste sentido, analisamos os ritmos sensíveis, os ritmos da razão ao então impulso espiritual direcionado à Deus.

Patrick Luiz Barreto Soares (UFLA)

Orientação: Arthur Klik de Lima

E-mail: pluiz122@hotmail.com

“A resposta de Pedro Abelardo a questão dos universais na “Lógica para Principiantes””

A presente comunicação consistirá em uma análise de partes da obra *Lógica para principiantes*, de Pedro Abelardo, buscando a resposta proposta pelo peripatético do Pallet às questões feitas por Porfírio. Nas questões do último se concentram a discussão de um número considerável de textos da filosofia medieval, dividindo os pensadores do período em realistas, como Guilherme de Champeaux, que pensam os universais como uma coisa material; e vocalistas, como Roscelino de Compiègne, que defende os universais como meros signos linguísticos. Na obra analisada, Abelardo dedica-se a uma *pars destruens* cuja as conclusões impossibilitam o modelo de Champeaux, e uma *pars construens* onde sua proposta, de uma teoria do estatuto, chega a algo que não pode ser confundido com o vocalismo.

MESA 04 – ESPINOSA I
(10:00 – 12:00) - sala 10

Coordenador(a): Otavino Candido de Paula Neto (Doutorando)

Antônio Pedro Lima Junior (UNIFESP)

Orientação: Fernando Dias Andrade

Financiamento: CNPq

E-mail: limajunior.ap@gmail.com

“A teoria dos afetos de Baruch de Espinosa aplicada a Rede de Atenção Psicossocial do SUS”

Para Espinosa felicidade é resultado da vida moral culminada pelo conhecimento e é motor que perpassa todos os modos da substância. O ser humano na vida concreta adquire consciência sobre si, sendo um princípio irracional e espontâneo que emerge de modo pleno na consciência. O movimento da realização é concreto e a razão ajuda a desenvolver o conatus, que tende a buscar a felicidade pela razão. O corpo é afetado de múltiplas maneiras, pela alegria, tristeza e desejo, que são afecções básicas e se ligam todas as outras. O afeto pode modificar a força do agir e demonstra que a afecção é uma modificação do corpo causada pelo encontro com o outro corpo. O conatus, para o filósofo, é a essência do corpo, o esforço pelo qual se esforça por preservar no seu ser. O esforço do corpo é também o esforço da mente, e se chama vontade.

Paulo Vitor De Souza Queiroz (UFPA)

Orientação: Rafael Estrela Canto

E-mail: pqueirozufpa@gmail.com

“Medo e esperança na política de Spinoza”

O objetivo deste trabalho é explicar de que maneira os homens, em seu estado natural, tendem a viver em constantes conflitos, e que nessas circunstâncias refreiam uns aos outros em sua busca de perseverar em seu próprio ser. Nesse sentido, os afetos dos indivíduos existem também como afetos sociais. A maneira de os indivíduos viverem socialmente, sob um direito comum, é segundo Spinoza, tal que o medo e a esperança permaneçam, não entre um indivíduo ou outro, mas entre a cidade e o poder soberano. Pretendemos examinar essa relação de poder entre o povo e poder soberano do ponto de vista desses afetos.

Kamylla Soares Rodrigues (UFT)

Orientação: Leon Farhi Neto

E-mail: kamylla.soaresr@gmail.com

“A utilidade na Ética de Spinoza”

O presente trabalho tem como objetivos: identificar o tipo de utilitarismo defendido por Spinoza, analisando o uso do termo útil na sua Ética; destacar o modo da relação ontológica do útil com a vida em comum e com a potência individual humana; e apresentar breves considerações acerca da aproximação e do distanciamento do utilitarismo spinozano com as teorias utilitárias modernas. A perspectiva da utilidade evidencia temas centrais na obra de Spinoza, tais como a conservação do ser próprio, a sua afirmação na existência e a busca do que lhe é verdadeiramente útil como um princípio para o aumento consistente de sua potência, ou seja, para a alegria.

Rafael Arcanjo Teixeira (UFG)

Orientação: Cristiano Novaes Rezende

E-mail: rarcanjo32@gmail.com

“O Saber e o Poder: da matemática da dominação à matemática da integração”

Nosso projeto de pesquisa visa investigar se há nos fundamentos matemáticos da modernidade tanto o gérmen de uma racionalidade “que não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo” (Adorno e Horkheimer, 1947), quanto a sua crítica. As principais questões que buscamos responder é: Há nos próprios fundamentos matemáticos da modernidade o elo entre poder e saber? Há na modernidade algum modelo alternativo que, ao mesmo tempo em que é racional, é também fundador de uma ética na qual o homem não domina a Natureza, mas une-se a ela? Para tais questões levantamos duas hipóteses: (1) Espinosa se encontra no cerne do debate moderno sobre o local do saber matemático-científico e busca responder às questões levantadas; (2) a própria escolha operada por Espinosa em favor da Geometria Euclidiana tem a ver com suas concepções sobre o lugar do saber no seio da ética. Cremos, pois, que Espinosa demarca a diferença entre uma matemática de dominação e uma matemática de integração. Sendo assim, nosso objetivo é avaliar se as hipóteses levantadas são verdadeiras ao mesmo tempo em que buscamos responder às questões supracitadas.

MESA 05 – TECNOLOGIA E ECOLOGIA

(16:00 - 18:00) - sala 1031

Coordenador(a): Lourenço Fernandes Neto e Silva (Doutorando)

Patricia dos Santos Rocha (UFPA)

Orientação: Antonio Sergio Nunes

E-mail: patty1035@hotmail.com

“Karl Marx e a crise ecológica”

O objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão do pensamento de Karl Marx em relação à crise ecológica mundial. Destacando as principais características do capitalismo que modificam diretamente o meio ambiente. Entendendo que a relação que deve existir entre o homem e a natureza não deve ser de exploração, mas de reciprocidade. A metodologia utilizada será a teoria de Karl Marx e ao que se refere à crise ecológica gerada pelo acúmulo de capital. Portanto, se torna necessário refletir a teoria Karl Marx no que diz respeito à ecologia como um instrumento de enfrentamento para a compreensão da crise ambiental hodierna.

Magno Ferreira (UFBA)

Orientação: Nancy Mangabeira Unger

Financiamento: PET (FNDE)

E-mail: magnosock@gmail.com

“A correlação entre ecologia, physis e homem-natureza”

O propósito do texto consiste em analisar a relação homem-natureza, levando em consideração a concepção grega antiga dessa dimensão em toda sua dinâmica de pensamento, não deixando de lado o pensamento ecológico que cerca a vida, para tal, exploraremos as relações entre ser humano e o pensamento ecológico. Forjaremos uma estrutura que partirá da definição do termo ecologia, com tal definição, buscaremos responder as questões que advém da concepção de natureza, “physis” e “logos”, termos trabalhados e pensados nos liames desse texto. A análise nos conduzirá a uma discussão vigente desde o período grego antigo, analise essa que não se tem por concluído nem tampouco esgotado sua empresa, antes, ecoa para além de toda tentativa de apreensão.

Filipe José Macêdo de Barros (FFLCH | USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

Financiamento: PUB | USP

E-mail: filipe.barros@usp.br

“Sobreposição dos regimes biopolíticos em Paul B. Preciado”

A invenção da categoria gênero pelos discursos médicos psiquiátricos em conjunto com o advento da primeira versão da pílula anticoncepcional inauguram um novo período de produção de capital e de subjetividade que Preciado chamará de pós-moneyismo. O texto, então, abordará como Preciado mostra as transformações das tecnologias de “criação do eu”, que criarão verdades incorporadas ao corpo através de moléculas biomoleculares e representações performáticas, em contraposição à ideia de produção prostética dos corpos.

Ediane Marinho Ferreira (UNIFAP)

Orientação: Dilnéia Rochana Tavares do Couto

Financiamento: CNPq

E-mail: edianemrnh@gmail.com

“O desafio ético contemporâneo: a ética aplicada às questões ambientais”

Desde a revolução industrial nosso planeta vem sofrendo danos ambientais que se apresentam para os dias atuais como uma consequência quase irremediável. Essa condição, ecoa sobre uma conduta humana parasitária ante o meio ambiente. Desse modo, partindo da condição factual em que o agir humano está inserido, delineamos um estudo que se volta para a relação homem-natureza de um ponto de vista ético. Assim, buscamos empreender uma proposta que parte dos conteúdos presente no agir simbiótico apresentado por Michelle Serres, tal como de uma responsabilização humana proposta pelo princípio responsabilidade do filósofo Hans Jonas. Em suma, trata-se de um estudo que se sustentou no âmbito ético ambiental buscando o desenvolvimento de uma consciência ética e moral das sociedades contemporâneas com o meio ambiente.

MESA 06 – HANNAH ARENDT II

(16:00 - 18:00) – sala 1035

Coordenador(a): Éliton Dias da Silva (Mestrando)

Jessica Thaina Ribeiro Viana (UFPA)

Orientação: Ivan Risafi de Pontes

E-mail: thainavianna26@gmail.com

“A amizade como condição da humanidade - As reflexões de Hannah Arendt sobre Lessing”

Este trabalho tem objetivo refletir sobre como no ensaio Sobre a Humanidade em Tempos Sombrios: Reflexões Sobre Lessing de Hannah Arendt a amizade constitui-se como condição da humanidade. Para tanto, serão expostas a importância da amizade como poder político para o pensamento arendiano e a maneira como se solidifica neste a ideia de humanidade atrelada a de amizade. Segundo Arendt, a amizade deixa de ser apenas uma questão de intimidade, para transformar-se em uma força política. Com base na tradição grega antiga, a autora encontra a essência da amizade no discurso. É através dele que a amizade alcança sua importância política, pois a humanidade manifesta-se a partir da amizade. Infere-se que as reflexões de Arendt no texto em questão convida o leitor a repensar o que nos torna humanos e o que valoriza a política, reafirmando a pluralidade como condição da vida política.

Ana Luisa Lima Grein (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

E-mail: analuisagrein@gmail.com

“Revolução e modernidade: o ineditismo do fenômeno revolucionário”

Hannah Arendt propõe uma discussão acerca do fenômeno revolucionário e seu ineditismo, uma vez que nunca antes da Era Moderna havia acontecido uma Revolução tal como analisada pela pensadora. Para que ele acontecesse foi necessária a ocorrência de transformações nos modelos de organização da sociedade existentes até o começo da modernidade. O desencadeamento de um processo revolucionário chama a atenção para a reflexão acerca de seu ineditismo, pelo seu contexto de surgimento e também pela expectativa de trazer algo realmente novo ao mundo. Este artigo tratará, portanto, de refletir a respeito de algumas pistas dada por Arendt a fim de identificar os aspectos inerentes ao fator inédito do fenômeno revolucionário a partir da modernidade, e da discussão

acerca de sua efetividade como evento propulsor de rupturas com a tradição e criador de um começo novo.

Jade Oliveira Chaia (UnB)

Orientação: Phippe Lacour

E-mail: jade.joc@gmail.com

“O dever da memória: o caso da ditadura civil-militar-empresarial brasileira”

A presente pesquisa desenvolve-se a partir da análise bibliográfica das obras de Hannah Arendt, sobretudo, A Condição Humana e Origens do Totalitarismo. Igualmente, utiliza-se de bibliografia que percorrem o tema da Justiça de Transição. Far-se-á uma breve análise acerca do período ditatorial civil-militar-empresarial transcorrido no Brasil entre os anos de 1964 a 1985, sucessivamente, a conceituação do termo justiça de transição ou justiça transicional. Perfazendo um recorte mais preciso, trabalha-se a questão da memória, a qual integra um dos quatros pilares, não hierárquicos, da Justiça de Transição. Pretende-se, assim, uma reflexão crítica a respeito da temática, de forma a viabilizar o diálogo e o aprofundamento dos fatos para melhor compreender o passado, visto que, um povo sem memória é um povo sem história.

Rafael Santos da Silva (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: PET/SESu/MEC

E-mail: rafaelsantos9595@gmail.com

“O fim da autoridade e seu anúncio no pensamento de Maquiavel na perspectiva de Hannah Arendt”

Em seu ensaio O que é autoridade? Hannah Arendt propõe a tese de que a noção de autoridade política chegou ao seu fim definitivo na modernidade. A partir dessa constatação, o presente trabalho tem como finalidade discorrer sobre as implicações políticas da perda da autoridade. Para tanto, discorreremos sobre a relação estabelecida por Arendt entre legitimidade política e autoridade a partir de suas reflexões sobre o pensamento de Maquiavel. Nossa intenção é analisar a leitura de Arendt sobre o tratamento dado pelo florentino às noções políticas de fundação e violência, uma vez que esta leitura conclui que houve uma glorificação da violência por Maquiavel, o que, na perspectiva arendtiana, já anunciaria algumas consequências à configuração política moderna posteriormente, como o equacionamento entre violência e autoridade, comprometendo a própria noção de legitimidade do poder. Palavras-chave: Autoridade; Fundação política; Legitimidade; Violência.

Indi Nara Corrêa Fernandes Colem (UnB)

Orientação: Maria Cecília Pedreira de Almeida

E-mail: indi.fernandes13@gmail.com

“Algumas questões sobre filosofia moral em Hannah Arendt”

Os ensaios e aulas de Hannah Arendt reunidos na obra "Responsabilidade e Julgamento" são o fio condutor desta comunicação – que pretende abordar algumas questões morais retomadas pela autora após a publicação de "Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal". Tendo como foco investigativo a relação do ser humano consigo mesmo, ou seja, a relação silenciosa característica do sujeito que pensa, a autora apresenta a tese segundo a qual, mesmo com a ausência de outros, ele não se encontra totalmente sozinho, ou seja, compartilha de si mesmo. Levando essa primeira premissa em consideração, Arendt afirma que o maior mal, tratado em sua obra "Eichmann em Jerusalém", é cometido por aquele que se recusa a pensar, ou melhor, aquele que não se reconhece mais como seu próprio interlocutor, abandonando a si mesmo e deixando de se constituir como alguém.

MESA 07 – FILOSOFIA ANTIGA

(16:00 - 18:00) - sala 10

Coordenador(a): Dionatan Acosta Tissot (Doutorando)

Yohan Brendo Nunes de Albuquerque (UFPA)

Orientação: Jovelina Maria Ramos de Souza

Financiamento: Bolsista PIBIC voluntário

E-mail: nunesyohan19@yahoo.com

“Poesia e Filosofia no livro X da República”

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a crítica que Sócrates dirige à poesia no livro X da República de Platão, tomando como ponto de partida as noções de “verdade” e “verossimilhança”. Retornaremos a argumentação socrática com o intuito de mostrar de que modo a poesia enquanto discurso “verossímil”, mantém-se afastado da “verdade”, atributo próprio ao discurso filosófico.

Robson Soares Cabral de Oliveira (UERJ)

Orientação: Maria Inês Anachoreta

E-mail: gpedro.cfarhat@gmail.com

“Caracterização do lógos poético no Íon de Platão”

Na narrativa do encontro entre o rapsodo Íon e Sócrates encontramos noções acerca do fazer poético que constituirão uma primeira abordagem platônica sobre o tema. O diálogo Íon, cujo assunto manifesto é a arte rapsódica, acaba urdindo nas suas entrelinhas especificações sobre o poeta e seu lógos, as quais apresentarão suas possíveis causas e efeitos. De sua análise segue-se não só uma caracterização do discurso poético, mas também escapam, por diferenciação, traços de tipos discursivos e epistêmicos que não se enquadram naquele, como os que tocam a tekhnê e a epistême. Nesse primeiro momento, no Íon, os pontos que tangem os temas da poesia, do poeta e das suas caracterizações defronte a outros modos de expressão restringem-se a si, às suas causas e efeitos, sem mais desdobramentos, contudo já deixam em prelúdio alguns dos termos que ressoarão mais eloquentes ao longo da obra platônica.

Antônio Mesquita Neto (UFG)

Orientação: Wellington Damasceno de Almeida

E-mail: antonio.mesquita.br@gmail.com

“A definição de “estar em algo subjacente” e a caracterização das substâncias segundas em “Categorias””

Para classificar os entes em "Categorias 2", um dos predicados utilizados por Aristóteles é “estar em algo subjacente”, para o qual o filósofo apresenta uma definição no mesmo capítulo. O objetivo desta comunicação é analisar as principais posições a respeito de qual seja a definição de “estar em algo subjacente” apresentada por Aristóteles, no entanto, sem buscar com essa análise elucidar a caracterização dos indivíduos não-substanciais, como é o objetivo da maior parte da bibliografia secundária sobre o assunto. Visamos, alternativamente, elucidar a caracterização das substâncias segundas, das quais Aristóteles nega o predicado “estar em algo subjacente”; de modo que essas devem falhar em satisfazer ao menos uma das condições que compõem a definição do predicado. A partir da consideração de que condições da definição elas não satisfazem, pretendemos discutir sua caracterização.

Maria Augusta da Silva (USJT)

Orientação: Cristina Agostini

E-mail: mragdasilva@gmail.com

“Philia: O amor que justifica as ações e escolhas de Odisseu e Penélope na busca pelo reencontro”

A obstinação de Odisseu e Penélope relatada na Odisseia de Homero, sugere uma ligação entre o casal mais forte que a obrigação com o matrimônio e com a pátria. Ambos tinham opções menos árduas e mesmo assim insistiam no reencontro. As falas das personagens indicam que havia amor entre o casal e que por isso ansiavam por se reunirem. O amor que buscamos na relação de Odisseu e Penélope é o amor definido por Aristóteles como philia.

MESA 08 – ESPINOSA II

(16:00 - 18:00) - sala 12

Coordenadora: Paula Bettani Mendes de Jesus (Doutoranda)

Vitor Hugo Rebelo da Silva (UFPA)

Orientação: Agostinho de Freitas Meirelles

E-mail: vitorhg50@gmail.com

“Mente e corpo na Parte II da Ética de B. Espinoza”

Temos como propósito apresentar no presente artigo nosso ponto de vista acerca da relação mente e corpo. A filosofia de B. Espinoza, mais precisamente o conteúdo expresso na parte II (A natureza e a origem da mente) da Ética, o qual nos serve como poderoso instrumental interpretativo, que no período moderno impõe relevantes objeções que abalam as diversas maneiras como até então fora pensada a relação mente e corpo.

Alan Barbosa Guimarães (UFPA)

Orientação: Rafael Estrela Canto

E-mail: alanguimaraes394@yahoo.com

“Do que pertence a natureza da Deus: as ideias de providência e predestinação na filosofia de Spinoza”

ÀREA DE CONCENTRAÇÃO: Teoria do Conhecimento. A partir da leitura de Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar, de Spinoza, e com o auxílio de outras obras suas, pretendemos esclarecer em linhas gerais os conceitos de providência e predestinação reconhecidos na ideia de Deus. Destacamos, a maneira como essas ideias fazem necessariamente com que a natureza do Ser ou a essência de Deus seja como é. Tratar-se-á dessas ideias justamente porque a providência é o segundo atributo que pertence ao Ser, que não é outra coisa que o seu conatus, e a predestinação, o terceiro, sendo aquilo que se concebe como pertencente a algo, em Spinoza, isso significa que só se têm a si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Spinoza; Deus; Natureza; Providência; Predestinação.

Luis Felipe Alves Oliveira (UNICAMP)

Orientação: Marcio Augusto Damim Custódio

Financiamento: CNPq

E-mail: luisalves182@outlook.com

“A Questão da Substância na Metafísica Espinosana”

O objetivo desta apresentação é sustentar a tese de que o monismo de Espinosa surge a partir da contra-posição ao dualismo de Descartes, defendida por Ediwon Curley. Pretendo alcançá-lo a partir da análise da Proposição 5, apresentando um esboço do monismo a partir do primeiro livro da *Ética*. Em seguida, apresentarei brevemente o dualismo de Descartes a partir das afirmações contidas nos *Princípios*. Posteriormente, explicitarei a tese de Curley, mostrando que é possível afirmar que o monismo nasce sobre os conceitos da filosofia de Descartes, uma vez que eles foram “corretamente” entendidos por Espinosa. Por fim concluirei afirmando que Curley erra em sua análise ao dar à devida atenção ao conceito de substância e defenderei a tese de que aquilo leva Espinosa a sustentar o monismo é justamente a diferença em sua definição de substância com relação à definição fornecida por Descartes.

Gabriel Frizzarin Ramalhães de Souza (FFLCH | USP)

Orientação: Luís César Guimarães Oliva

Financiamento: PUB | USP

E-mail: gabriel.frizzarin.souza@usp.br

“As ideias falsas no Tractatus de Intellectus Emendatione”

O trabalho se posiciona no interior de uma investigação sobre a doutrina do erro na filosofia de Espinosa. Uma doutrina do erro envolve as seguintes interrogações: o que é o erro ou a falsidade? Como ocorre? Qual é a sua causa? O que permite distingui-lo do verdadeiro? As ideias falsas no *Tractatus de Intellectus Emendatione*, discutindo em que consiste a falsidade e levantando as principais causas do conhecimento falso, permitem analisar as respostas de Espinosa para essas interrogações e, assim, esclarecem o feito de uma doutrina do erro em sua filosofia, ao mesmo nos termos da referida obra.

18h30 - CONFERÊNCIAS

José Arthur Giannotti (DF | FFLCH | USP) e
Luiz Damon Santos Moutinho (DF | UFSCar):

“Em torno de uma definição da política”

TERÇA-FEIRA 24/04

MESA 09 - ESTÉTICA I
(10:00 - 12:00) - sala 100

Coordenador(a): Silvio Moreira Barbosa Junior (Doutorando)

Rodney Ferreira (FFLCH | USP)

Orientação: Oliver Tolle

E-mail: rodneydesu@gmail.com

“Analítica do sublime: entre reminiscências, sistema e sentimento”

Após um rápido panorama histórico visando introduzir a noção de sublime e pontuar sua transformação em conceito, tentar-se-á pincelar o que nas formulações kantianas acerca do tema existe de novidadeiro e insinuar, entrando mais propriamente em nosso projeto, qual seria seu lugar no interior da Crítica do Juízo.

Luana Moreno (FFLCH | USP)

Orientação: Oliver Tolle

Financiamento: PUB | USP - Programa Unificado de Bolsas

E-mail: luana.moreno@usp.br

“A arte e a alegoria em Karl Philipp Moritz”

Este pesquisa pertence a área de Estética e seus estudos pautam-se em analisar a arte do Renascimento Cultural e os pensamentos acerca desta, focando-se no filósofo Karl Philipp Moritz. O objetivo principal é analisar a transição do intuito artístico da imitação da natureza ao do prazer, e expor como o filósofo diferencia o conceito de prazer no belo e no útil. Outra consideração é apresentar como que o prazer seria uma consequência de uma obra de arte perfeita em si e não sua finalidade total.

Além disto, o filósofo determina alguns conceitos para uma obra de arte ser considerada bela, e um desses conceitos descarta a possibilidade de um símbolo ser o objeto principal de uma obra, em razão desta apenas ter que significar a si mesma. Isto é, este projeto analisa também as alegorias e os símbolos, quais os

objetivos destes e o porquê Moritz não considera como arte e defende tanto a autonomia artística sem a erudição.

Natália Acurcio Cardoso (FFLCH | USP)

Orientação: Marco Aurélio Werle

Financiamento: FAPESP

E-mail: natalia.acurcio.cardoso@usp.br

“Arte e Consciência-de-si em Hegel”

Hegel aponta logo no início dos “Cursos de Estética” que nós perdemos a capacidade de simplesmente contemplar a obra de arte na modernidade. Essa situação nos colocaria diante de uma necessidade de nos envolvermos com a arte de outra forma, através da filosofia da arte. A Estética aparece como uma espécie de mediação entre o sujeito moderno, que se comporta de maneira reflexiva diante de tudo que está a sua volta, e a própria arte bela. Nesse encontro vou tentar apresentar uma hipótese desse distanciamento entre ser humano e obra de arte por meio de uma resposta que tenta pensar o processo da consciência com a sua própria produção exterior como, à primeira vista, uma negatividade que ela têm dificuldade de entender como a própria apresentação da verdade.

Rafael de Freitas Nanes (UERJ)

Orientação: Maria Inês Senra Anachoreta

E-mail: rafaelfreitasnanes@hotmail.com

“Schiller e a Analítica do Sublime”

Durante a década de 1790, o poeta Friedrich Schiller se dedicou intensamente a questões relacionadas a estética filosófica, como a busca pelo fundamento objetivo do belo ou a ideia da educação estética do Homem. Isso se deu acompanhado da enorme influência que suas constantes leituras de Kant tiveram sobre ele nesse período. Este trabalho visa, em particular, descrever alguns aspectos de sua leitura da analítica do sublime de Kant, revelando especificidades da incorporação de tal tema em sua obra. Se destaca aqui sua transposição do sublime da natureza para a arte, de grande importância na estética moderna. Utilizarei para tal dois importantes ensaios de Schiller dessa época: "Do sublime" e "Sobre o sublime".

MESA 10 – FOUCAULT
(10:00 - 12:00) – sala 107

Coordenador(a): Dionatan Acosta Tissot (Doutorando)

Leticia Lages Assunção (UEPA)

Orientação: Wladirson Cardoso

E-mail: leticialages97@gmail.com

“Uma análise filosófica sobre a loucura na história”

Este artigo científico-filosófico objetiva explicitar o surgimento da Loucura em seu contexto histórico e cultural, juntamente, com uma nova concepção de insanidade e as condições estruturais de tratamentos dos chamados “Loucos”. A construção deste artigo se corrobora com leituras de Michel Foucault “História da Loucura” e “Os Anormais”, “O elogio à Loucura” de Erasmo de Rotterdam, entre outros. O conceito de “Louco” e “Loucura” é explorado durante este artigo, levantando questionamentos sobre quem é o verdadeiro louco da sociedade, se a razão é realmente racional e se a loucura é realmente louca; espero com este artigo ajudar no aprofundamento do debate filosófico sobre a loucura e os loucos, desconstruindo concepções preexistentes, que somente são reproduzidas, se ausentando de uma verdadeira e profunda reflexão, ao mostrar e reverberar uma concepção atual de sociedade.

Aurilene Lima (UFPA)

Orientação: Ernani Chaves

Financiamento: PBIC

E-mail: leny-alencar@hotmail.com

“A questão do conhecimento em Michel Foucault, no começo dos anos 1970”

O objetivo desse trabalho é analisar a concepção de conhecimento feita por Foucault, com o sentido de invenção (*Erfindung*). Para isso, será utilizada a obra *A verdade e as formas jurídicas*, composta por cinco conferências proferidas na PUC do Rio de Janeiro, em maio de 1973. Na primeira dessas conferências, ele define com mais precisão o que é conhecimento e, para caracteriza-lo como “invenção” recorre a Nietzsche. Pretendemos esclarecer as distinções entre as concepções de conhecimento, para Foucault, como invenção em relação aos filósofos que a concebem como algo natural e inato ao homem. Nossa hipótese considera que o conhecimento deve ser invenção, isto é, como resultado de um

jogo entre verdade, saber e poder, rompendo assim com as tradições que o afirmem como algo natural ao homem.

Rafael Gironi Dias (UFSCar)

Orientação: Monica Loyola Stival

E-mail: batatasemumbigo@gmail.com

“Foucault e o acontecimento no teatro filosófico deleuziano”

O objetivo desta comunicação é refletir sobre a questão colocada por Michel Foucault em A ordem do discurso, de 1970: “Se os discursos devem ser tratados como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos?”. Para tanto, colocaremos em cena um texto de Foucault do mesmo ano, “Theatrum Philosophicum”, em que, como em um palco, comenta e elogia a obra de Gilles Deleuze. Mediante o jogo empreendido em Lógica do Sentido, Foucault destaca a possível perversão ao platonismo a partir daqueles que o cercavam, os sofistas. Torna-se possível, com isso, pensar filosoficamente a noção de acontecimento depreendida da tradição filosófica, rumo a um “materialismo do incorporal”; direção paradoxal e necessária para uma filosofia do acontecimento, como apontou em sua aula inaugural.

Mauro Sérgio Souza dos Santos (UFPA)

Co-autoria: Mileide Gomes Barros

Orientação: Luis Eduardo Ramos de Souza

E-mail: maurossmiths@gmail.com

“Liberdade com responsabilidade: a leitura de Foucault à obra “O que é iluminismo” de Kant”

A proposta da presente comunicação é analisar a leitura que Michel Foucault realiza do texto "Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo" de Kant, com o objetivo específico de esclarecer o vínculo entre autonomia responsável do sujeito em Kant e a atitude do indivíduo moderno na atualidade, conforme a perspectiva de Foucault. Neste sentido, o Iluminismo é entendido por Kant como a saída do homem de sua menoridade, da qual ele mesmo é o culpado, para um estado de liberdade racionalmente responsável. Para Foucault esse movimento histórico é um processo aberto de realização existencial de tal liberdade. Este trabalho, assim, exporá a abordagem de Foucault à autonomia do indivíduo na atualidade, a partir da interpretação do texto de Kant acima referido.

Davi Oliveira Da Silva (UEAP)

Orientação: Bruno de Oliveira Rodrigues

Financiamento: PROBICT

E-mail: davi.olly3@gmail.com

“O louco-criminoso na visão de Michel Foucault”

Neste trabalho pretendemos analisar a visão foucaultiana de conceitos que giram em torno do fenômeno da loucura. Foucault afirma que o processo de exclusão do louco está intimamente ligado ao desenvolvimento da burguesia, tanto dos seus padrões sociais, como de sua estrutura econômica. Assim, não podemos ignorar o fato da loucura está ligada a esse processo de exclusão, que se opera segundo uma lógica própria, que incapacita o louco da permanência em qualquer esfera da vida em sociedade. Para Foucault tanto o saber médico, como o judiciário, vai exercer controle sobre estes indivíduos através das tecnologias de poder, muitas das vezes por meio de um discurso pueril que se justifica apenas na manutenção da subjugação do louco. Esse discurso médico-judicial encontra efetivação na noção de periculosidade que torna a loucura, no horizonte da sociedade, sempre um perigo social. Portanto a ideia do louco-criminoso é trabalhada por este saber que tem como associação a loucura com o perigo.

MESA 11 – FILOSOFIA INTERCULTURAL

(10:00 - 12:00) – sala 117

Coordenador(a): Lucas Nascimento Machado (Doutorando)

Suellen Lima de Brito (UFPA)

Orientação: Iêda Fernandes da Silva

E-mail: Suellenlima_hp@hotmail.com

“A fragilidade das relações contemporâneas sobre a perspectiva de martin buber: o domínio do eu-isso sobre o eu-tu”

O presente estudo visa analisar a obra Eu e Tu de Martin Buber, especialmente a parte I e II. Este filósofo humanista nos mostra o valor da relação inter-humana. A obra apresenta vários conceitos dentre os quais os mais relevantes são: o Eu-Tu e o Eu-Isso como palavras-princípios. O Eu-Tu como uma relação dialógica, encontro entre dois parceiros mutualmente e o Eu-Isso como um relacionamento monológico, experiência e utilização ou uso. O mundo do ISSO se invadir o mundo do homem leva este a perdição, pois invade o seu próprio EU perdendo assim sua atualidade, ou seja, torna-se um ser nem “fora” nem “dentro”, unicamente, ele se perde em seu interior porque o homem não pode viver só com o ISSO posto que se assim for ele não será mais homem. O domínio do Eu-Isso sobre o Eu-Tu é uma fragilidade relacional, pois o homem que contenta-se com o mundo do Isso sucumbe fatalmente.

Bruno José Bezerra Ribeiro (UEAP)

Orientação: Rafael da Silva Lima

E-mail: brunojbr10@hotmail.com

“Do individuo ao diálogo: Influência de kierkegaard na existência dialógica de Martin Buber”

Soren Kierkegaard pretendeu um retorno do homem à existência através da categoria do individuo vendo no modelo Socrático a essência negativa como o qual o homem descobre sua interioridade. Pelo modelo socrático, Kierkegaard dá o salto ao existir autêntico, pois é tronando-se um individuo que o homem conjuga verdade e geração, Deus e mundo. Para o filósofo judeu Martin Buber, Kierkegaard utiliza o mundo como terreno de salto e assim abandona a existência mesma, pois já não possui relação essencial com os homens, de modo que a alteridade é ela mesma o acontecimento do absoluto no mundo; Assim, Buber desenvolve sua antropologia filosófica no que seria o lugar de realização da existência pretendendo superar a noção de individuo pela existência dialógica como ser-pessoa.

Ítalo Vieira Adriano (UFBA)

Orientação: Kleverton Barcelar Santana

Financiamento: Pibid

E-mail: italo.iv.adriano@gmail.com

“O Racismo Epistêmico e o Ensino de Filosofia Africana e Afro-brasileira no Brasil”

O presente trabalho irá apresentar um panorama geral da Filosofia Africana, desde a antiguidade até a contemporaneidade, mediante a exposição de seus principais teóricos e enfatizando o Egito como o principal expoente da África. Antes de fornecer o quadro geral da filosofia africana, pretendo justificar o seu ensino e pesquisa nas recentes alterações da legislação educacional (Lei 10.639/03), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e no PIBID Filosofia UFBA. Por fim, pretendo lançar a hipótese de que o silenciamento do ensino e pesquisa dessa tradição filosófica decorre do racismo presente nas obras de Kant, Hegel e Heidegger, apontando as principais citações em suas principais obras.

Mariá Batalha Carvalho Machado (UFRR)

Orientação: Alfredo Ferreira de Souza

E-mail: mariabatalhacm@hotmail.com

“Uma discussão entre a Consciência Histórica do Final do século XX e a Filosofia Taoista”

No decorrer do século XX, as estruturas sociais do ocidente se modificaram. A estrutura sistemática torna o mundo melhor oriundo de adquirir felicidade sem dor, riqueza sem pobreza, incitando por lei que os homens sejam bons e saudáveis. Porém é contraditória a busca desses objetivos com as ferramentas que impõem: poluição da natureza, trabalhos exaustivos etc. Esse trabalho visa correlacionar à consciência histórica do final do século XX e a Filosofia Taoista para melhor compreensão sobre as estruturas nas perspectivas de tempo, espaço e trabalho. Nessa Filosofia os opostos são coexistentes, tendo como princípio o equilíbrio. Foi-se realizada uma pesquisa bibliográfica em diálogos com Bauman, Heidegger, Lao Tze, entre outros com objetivo de construir novas percepções de mundo visando uma teia social holística.

Henrique de Moraes Junior (UEPA)

Orientação: Antonio Jorge Paraense da Paixão

E-mail: henriquemoraesjr@gmail.com

“Por um diálogo Libertador e Intercultural: Filosofia Ocidental e Filosofia Indígena”

O artigo propõe refletir sobre a Filosofia da Libertação de E. Dussel, com o objetivo de pensar sobre a modernidade e os paradigmas eurocêntricos e o mundial. O paradigma eurocêntrico da modernidade é uma emancipação da imaturidade pela razão crítica proporcionando a humanidade um novo desenvolvimento, porém Dussel propõe a visão da modernidade como mundial, no qual existe ambiguidade com a emancipação e a violência irracional encobridora do outro. A partir disso, segundo Dussel o colonizador-civilizador impôs uma totalidade ontológica sobre o outro não “descoberto” com outro, porém como o “si-mesmo” europeu causando exclusão e silenciamento de filosofias-outras, mas propõe na metafísica da alteridade a libertação do outro. Infere-se a partir da filosofia da libertação a interculturalidade entre os saberes filosóficos ocidental e indígena. Método de pesquisa de revisão bibliográfica.

MESA 12 – TEORIA CRÍTICA

(10:00 - 12:00) – sala 106-B

Coordenador(a): Lucas Cardoso Petroni (Pós-doutorando)

Lutti Mira Salineiro (FFLCH | USP)

Orientação: Ricardo Ribeiro Terra

Financiamento: FAPESP

E-mail: luttimira@gmail.com

“O diagnóstico de tempo adorniano dos anos 1940 e sua relação com o pensamento de Marx”

É motivo de grande debate a relação que se estabeleceu entre a teoria crítica de Horkheimer e Adorno dos anos 1940 e o pensamento de Marx, como também com o marxismo em geral. Em larga medida devido a uma certa interpretação da Dialética do esclarecimento (1947), uma parte da literatura secundária considerou que a década de 40 marcaria o abandono por parte dos dois autores em relação ao universo conceitual marxiano. Por meio da análise de um texto de Adorno de 1942, chamado Reflexões sobre a teoria de classes, pretendemos avaliar em que sentido se pode dizer que Adorno afastou-se do pensamento de Marx. Nossa tese é a de que a década de 1940 significou, para a teoria crítica de Adorno, não um afastamento em relação ao pensamento marxiano, mas antes sua rediscussão crítica.

Fernanda Soares Silva (UEPB)

Orientação: Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes

Financiamento: PIBIC-CNPq

E-mail: phernandynha91@yahoo.com.br

“A Razão e o Agir Comunicativo na plataforma discursiva habermasiana do Estado Democrático”

Esta proposta tem como objetivo oferecer um panorama geral sobre a razão e o agir comunicativo dentro do Estado Democrático habermasiano. Como um mundo pós metafísico adota para si outras referências, pressupostas nos participantes que são levados a participarem da discursão sobre algo na vida prática. Os sujeitos providos da faculdade de falar e agir não são capazes de se

dirigir a “algo no interior do mundo” (intramundano) a não ser que a partir do horizonte do seu respectivo mundo da vida. Não existem relações com o mundo que sejam totalmente isentas de contexto. [HABERMAS, 200, p.44]. Não pretendo aqui esgotar o tema da racionalidade e do agir comunicativo, mas de oferecer um panorama geral da contribuição de Habermas para o mundo pós-secular, enquanto um lugar de fala de todos, como o próprio título coloca, uma plataforma de diálogo e percebendo como esta seria viável.

Caio Felix dos Santos (FFLCH | USP)

Orientação: Ricardo Ribeiro Terra

Financiamento: CNPq

E-mail: caio.felix.santos@usp.br

“Habermas e a interpretação democrático-discursiva dos direitos à liberdade individual: uma resposta às críticas liberais”

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma análise da interpretação teórico-discursiva dos direitos humanos, tendo em vista as críticas liberais endereçadas à tese habermasiana da equiprimordialidade entre autonomia privada e autonomia pública, presente no terceiro capítulo de Faktizität und Geltung (1992). À luz dos comentários de Klaus Günther (2008), tentaremos responder a tais críticas através da consideração de três pontos: a relação entre direitos humanos e soberania popular (i); o suposto déficit de racionalidade contido em decisões baseadas em procedimentos deliberativo-democráticos (ii) e o estatuto do direito à liberdade negativa no interior da teoria discursiva de Habermas (iii).

Guilherme Kasmanas Godinho (FFLCH | USP)

Orientação: Vladimir Pinheiro Safatle

E-mail: kasmanasg@gmail.com

“Perspectivas do autoengano na teoria social recente americana”

O objetivo deste trabalho é esclarecer algumas tendências da intelectualidade reconhecidamente influente sobre o público leitor jovem em idade universitária dos Estados Unidos da América. Cremos que isso vai se provar instrumental para entender como a dinâmica de alguns “movimentos intelectuais” deve possuir a intenção de manter seu fundo de motivação e apelo, juntamente com fins políticos, não soletrados explicitamente, para que algumas inflexões na opinião e na massa sejam voluntariamente reproduzidas, com projetos políticos. Adotando a postura crítica de Adorno, que se engajou em debater com alguns intelectuais cuja extração considerava perigosa, nomeadamente Thorstein Veblen e Carl Jung, exporemos um economista e um psicólogo públicos com estas

influências e com impacto sobre recentes desenvolvimentos e debates da teoria do reconhecimento na história atual americana.

Gabriela Esther Nascimento dos Santos (UFPA)

Orientação: Sergio Nunes

E-mail: gabriela.logos@hotmail.com

“Internet: A ágora do século XXI”

A evolução da tecnologia no mundo globalizado em que vivemos vem impulsionando reflexões acerca dos desdobramentos e possíveis implicações nos mais diversos âmbitos da vida humana. Este trabalho discorre especificamente sobre a transmutação da esfera pública como consequência do fenômeno de virtualização de debate e formação da opinião pública. Através de uma breve abordagem histórica dos conceitos filosóficos acerca da esfera pública e analisar como esta se dá nos dias atuais. O propósito do trabalho é pensar a esfera pública para além da forma tradicional, observando o fenômeno de virtualização do fomento da opinião pública e propondo-se em buscar novas formas de conceituação da mesma.

Gabrielly Oliveira de Souza (FFLCH | USP)

Orientação: Ricardo Ribeiro Terra

Financiamento: PUB | USP

E-mail: gabrielly.oliveira@hotmail.com

“Teoria crítica, música e gênero: Angela Davis e o outro lado do jazz e do blues”

A pesquisa empírica historicamente orientada, além da ênfase do papel da cultura na manutenção do capitalismo abriram as portas para uma teoria crítica alargada. Angela Davis em seu livro intitulado “Blues Legacies and Black Feminism” (1999) faz um percurso do processo histórico e social do desenvolvimento do blues e do jazz. Se há horizontes emancipatórios no blues e do jazz, para que possamos pensar em uma sociedade livre do capitalismo e das opressões de raça e gênero, ainda é uma questão em aberto e que pretendemos nos colocar a partir de Davis. Portanto, a presente comunicação tem por objetivo entrelaçar a leitura que a teórica crítica fez do blues e do jazz com o possível desenvolvimento de uma consciência social e individual que aponte na arte uma forma de transcender as amarras criadas pelo sistema capitalista, racista e sexista.

MESA 13 – ESTÉTICA II
(16:00 - 18:00) – sala 1035

Coordenador(a): Renan Ferreira da Silva (Mestrando)

Eder Aleixo (UNICAMP)

Orientação: Taisa Helena Pascale Palhares

Financiamento: FAPESP

E-mail: aleixo.eder@gmail.com

“Transmissão e recepção de conceitos estéticos por meio da forma na obra de Arte em Vincent van Gogh”

A pesquisa visa compreender como o contato com a arte japonesa – o Ukiyo-e – influenciou a percepção e os conceitos de arte de Vincent van Gogh, assim como sua produção no que diz respeito a forma. Utilizando principalmente as cartas do pintor serão analisadas as suas impressões conceituais sobre a arte japonesa. Esse material por sua vez será relacionado com o estudo bibliográfico referente aos conceitos estéticos e filosóficos que direcionavam a arte do Ukiyo-e. Analisando a relação entre os conceitos estéticos e a resolução artística na forma da obra de arte japonesa almeja-se compreender como ela foi recebida e assimilada pelo pintor holandês, possuidor de outra formação cultural, e como decorreu o processo de transferência conceitual através do contato com a forma bem com sua influência no pensamento e produção do artista.

Santiago Masi Elizalde (UFPR)

Orientação: Walter Romero Menon Junior

Financiamento: CNPQ

E-mail: santiagohiri@gmail.com

“Produção Estética e Revolução no Capitalismo Mundial Integrado”

A comunicação tem como objetivo fazer um inquérito referente ao papel da produção estética dentro do CMI (Capitalismo Mundial Integrado), conceito utilizado pelo pensador Félix Guattari para abarcar o capitalismo pós anos 80. Pretendemos interrogar como o CMI se insere no âmbito da produção de subjetividade para controlar a irrupção de novas singularidades. Isto é, de que forma o CMI faz uso da Doutrina de Choque, da Indústria Cultural e das Big Data

Corporations para se inserir no desejo da população. Uma vez feito isso vamos questionar se a produção estética pode efetuar um papel revolucionário frente aos avanços do CMI. Para tanto analisaremos o conceito de revolução utilizado por Félix Guattari, comparando-o com o de Marx (autor influente na teoria e na vida do pensador francês). Finalmente interrogaremos se a Obra de Arte e o Artista conseguem preencher esse papel na atualidade.

Vitor Hugo Lemes (UFG)

Orientação: Carmelita Brito de Freitas Felício

Financiamento: Capes

E-mail: vitorhlemes@gmail.com

“O lugar da literatura na filosofia de Deleuze”

Segundo Albert Camus, a boa filosofia se faz com imagens. Não raras são as aproximações empreendidas ao longo da história do pensamento criativo entre estas partilhas do saber, isto é, a filosofia e a literatura. Gilles Deleuze é um dos grandes filósofos que recorreram à literatura para pensá-la filosoficamente. Deleuze, portador de uma concepção muito singular da filosofia, interessa-se também por um tipo específico de literatura – a chamada “literatura clínica” – intempestiva, para falar com Nietzsche, ou também denominada “literatura menor”. Segundo Roberto Machado, a relação entre os saberes que se estabelece na filosofia de Deleuze não é circunstancial, uma vez que o principal objetivo de seu pensamento seria elucidar o que significa pensar. E “o pensamento não é exclusividade da filosofia: é uma propriedade de qualquer tipo de saber”. Desse modo, Deleuze utiliza-se da literatura – e do extra-filosófico, de modo geral, para pensar sua própria filosofia. Muito embora a filosofia, em seu exercício fatídico, goze das mais variadas formas literárias, e a literatura, por vezes, fabule imbuída por questões filosóficas, não se trata aqui de estabelecer uma síntese entre elas. Trata-se, mais propriamente, de buscar compreender um pouco melhor as denominadas “bifurcações” que estas estabelecem entre si – dentro e fora do pensamento deleuzeano. Nesse sentido, tem-se em mente que as relações entre o que é próprio da filosofia (o conceito) e outros diferentes domínios, constituem propriamente um ensino de filosofia atento ao movimento do aprender. Trata-se de “trazer a filosofia de volta à vida ou, o que é a mesma coisa, devolver vida à filosofia”, nas palavras de Bento Prado Jr. Da mesma forma que a filosofia deve ser um exercício vivo, assim deve ser o seu ensino.

MESA 14 – BRASIL E FILOSOFIA

(16:00 - 18:00) – sala 1037

Coordenador(a): Daniel Peluso Guilhermino (Mestrando)

Rafael Ribeiro de Almeida (UESC)

Orientação: Roberto Sávio Rosa

Financiamento: BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – ICB vinculado ao Projeto de Pesquisa A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e sua circunstância

E-mail: estudosrafael@gmail.com

“Wilson Lins leitor de Nietzsche”

Com efeito, Wilson Lins é um filósofo baiano que se serviu das ideias nietzschianas para interpretar a identidade brasileira. Neste trabalho, nosso objetivo é abordar a perspectiva de Lins no seu livro 12 Ensaios de Nietzsche, no qual aprofunda as questões morais tratadas pelo filósofo alemão. De acordo com Lins, Nietzsche é acima de tudo o moralista da moral heroica. Reconhecendo que o homem é escravo da moral de rebanho, Nietzsche lança novas bases segundo as quais o homem é livre para criar e agir. Segundo Lins, o homem moderno, em sua degradação moral, perdeu-se a si mesmo e, enfraquecido, vagueia errante procurando mil coisas diferentes, ao invés de procurar uma só: a própria autenticidade.

Posto isto, apresentaremos Lins no que diz respeito ao leitmotiv nietzscheano de restaurar a grandeza do homem, libertando-o da moral vigente.

Lays Silva Santos (UESC)

Orientação: Roberto Sávio Rosa

Financiamento: ICB/UESC

E-mail: lays.s.s@hotmail.com

“Nietzsche por olhos baianos: Wilson Lins e “Zaratustra me contou...””

A proposta deste trabalho é a de apresentar as percepções preliminares acerca da obra “Zaratustra me Contou...”, do escritor baiano Wilson Lins, como parte do projeto de pesquisa “A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson

Lins e sua circunstância”. Este tem como finalidade, além da análise das obras de Lins, tendo-as como fundamental para os estudos no que diz respeito à recepção de Nietzsche no Brasil, contribuir para a percepção da existência e validade de uma filosofia brasileira e de sua historicidade. Lins, por meio de sua "formação" ancorada na leitura dos “clássicos”, inicia um percurso rumo a resposta à pergunta, “Que é ser brasileiro?”. O trabalho dispõe-se à analisar e tentar compreender como realizou-se a influência do filósofo alemão na senda filosófico-literária do baiano para concepção de sua identidade baseada no conceito nietzschiano de “espírito livre”.

Élida Teixeira Soares (UEPA)

Orientação: Regina Lúcia de Carvalho Nery

Financiamento: CAOP- Centro de Assistência e Orientação Pedagógica-Sistema de Monitoria.

E-mail: elida.0712filosofia@gmail.com

“Loucura na Filosofia: Uma análise sobre o conceito de delírio no estado do Pará”

O presente trabalho tem por objetivo refletir filosoficamente sobre a questão do conceito de loucura na sociedade paraense, especificamente no caso do funcionamento do “Hospital Juliano Moreira”, o qual representou a institucionalização do desatino na Amazônia no século XIX. A metodologia para tal tem como base os pressupostos de revisão bibliográfica de Michel Foucault para análise da história da loucura; Sérgio Bandeira do Nascimento, para verificar a estigmatização dos “loucos” no Pará; e Erasmo de Roterdã, que satiriza esta linha tênue entre ser ou não ser “louco”. No desenvolvimento da pesquisa percebemos que a manifestação da conceituação da loucura é baseada em estigma social. Por fim, é importante rever a concepção de “louco” e “loucura”, quebrando paradigmas e preconceitos que ainda permanecem em torno do termo.

Beatriz Chaves Dias (FFLCH – USP)

Orientação: Ricardo Ribeiro Terra

Financiamento: PUB | USP

E-mail: beatrizch1995@gmail.com

“A passagem de Simone de Beauvoir no Brasil e seu legado acadêmico”

Em 1960 Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre realizaram a sua histórica passagem pelo Brasil. Apesar de já ser uma filósofa mundialmente conhecida principalmente pela publicação de *O Segundo Sexo* (1949), as conferências e entrevistas concedidas por Beauvoir ficaram em segundo plano e poucos registros restaram sobre estas. Através de seus diários e correspondências busco reconstruir os passos de Beauvoir pelo nosso país e por meio de relatos de estudiosos da época apresentar o legado que a filósofa deixou na produção acadêmica, seja a filosófica ou a literária brasileira.

MESA 15 – FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

(16:00 - 18:00) – sala 111

Coordenador(a): Jefferson Martins Viel (Doutorando)

Carlos Henrique de Souza da Silva (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

E-mail: carlosng2008@hotmail.com

“A importância da cultura para a consolidação democrática na perspectiva de Antônio Gramsci”

Diante do colapso econômico-social que assombrava o futuro da Europa após os acontecimentos da I Guerra Mundial, diversas concepções políticas se ascenderam como alternativas para sanar os malefícios que corroíam as estruturas da sociedade europeia. Nesta perspectiva, é que o Fascismo se instaura na Itália, disseminando sua ideologia por toda a Europa. Desta maneira, Antônio Gramsci destacará o papel das instituições do Estado, bem como da sociedade civil, e suas ferramentas de persuasão social. Destacaremos no presente trabalho, o papel desempenhado pela cultura e educação, tanto no que diz respeito à instauração do regime fascista, como na possível superação deste regime político autoritário e ditador. Explicitaremos a importância concedida por Gramsci à ascensão intelectual da classe operária italiana, tornando-se imprescindível para a tomada da tutela do Estado em detrimento ao fascismo.

Michelly Alves Teixeira (UnB)

Orientação: Gilberto Tedeia

Financiamento: CNPq

E-mail: michellyteixeira@hotmail.com

“Reconfigurar o sensível: os conceitos de política e polícia em Jacques Rancière”

A conjuntura nos coloca diante da delimitação dos espaços e, nesse contexto, para pensar o conceito de poder em Rancière, precisamos pensar ambas as estruturas de ordenamento que reconfiguram o sensível: política e polícia. Em seu livro *O desentendimento*, nosso objeto de estudos, ele pensa a urgência da política democrática, sempre questionando o papel da filosofia ao lidar com as diversas formas de poder que organizam a “partilha do sensível”. Por conseguinte, trataremos dessa fragmentação das forças sociais que formam o sensível e

problematizaremos o que é a política, posta por Rancière, que surge, não apenas como a prática de governar ou administração do Estado, mas como espaço de embate. Por fim, apresentaremos o que está por trás das definições de poder, no intuito de entender o movimento de contraposição entre política e polícia que organiza seu pensamento.

Sally Barcelos Melo (UnB)

Orientação: Gilberto Tedeia

E-mail: sallybarcelos@gmail.com

“Estado de exceção como política de governo em Agamben”

O Estado de Exceção está localizado num patamar indeterminado entre a democracia e o absolutismo e é utilizado como figura/técnica de governo permanente que justifica/legitima (sem leis) a utilização de violência (não só a repressão física, mas também a violência política) dos governos em atitudes abusivas contra o povo para defender o sistema (ordenamento jurídico) com fins de assegurar a soberania. A pesquisa sobre o tema contribui para a desmitificação do Direito e da crença no ordenamento jurídico como patamar dos princípios fundamentais, garantidor da justiça e da segurança individual, coletiva e nacional, ao relacionar o tema com o Estado de Direito, permitindo a busca por novas formas de pensar o Estado e a sua relação com o povo dentro da própria teoria política.

Guilherme Medeiros (FFLCH | USP)

Orientação: Vladimir Pinheiro Safatle

Financiamento: PUB | USP

E-mail: guilherme.antonio.oliveira@usp.br

“Heterogenia Total: Georges Bataille e a Estrutura Psicológica do Fascismo”

O anos 30 na França foram marcados pelo desconforto do pós-guerra aliada à uma expectativa de uma experiência que serviria de guia para um momento onde um novo pré-guerra se impunha como possibilidade. Esta realidade, que já impõe uma certa dificuldade de analisar o confuso período tal qual foi o entre-guerras, se alastra pelo meio intelectual francês como um momento de desorientação. Momento que se efetivou, como afirma Besnier, por um desejo de quebra e chance de começar uma nova tradição ou como retorno à dogmas antigos. Neste contexto Bataille aparece como uma figura que soube se movimentar com fluidez neste emaranhado de posições políticas. Este trabalho pretende dar conta, através da investigação sobre a estrutura psicológica do fascismo (1933), sobre como Bataille movimenta uma constelação de conceitos próprios e outros oriundos da

etnografia, da sociologia e do marxismo, junto à recepção da psicanálise freudiana na França, principalmente de seus estudos sobre psicologia social, para propor uma interpretação sobre como uma economia afetiva da estrutura social se produz através de seus mecanismo de controle e de sua dinâmica permissiva, tendo como vista uma relação entre dois campos diferentes: o homogêneo, espaço da comensurabilidade dos elementos e a consciência desta comensurabilidade, que exige a redução de relações e experiências humanas à ideias fixas e valores permitidos dentro do sistema produtivo vigente, ou o campo da infraestrutura, fundamentado segundo as instituições sociais fundamentais da sociedade, ou seja, aquelas que compõem o conjunto de regras e os estatutos de verdade, como a religião, o Estado ou a ciência; e o campo heterogêneo, espaço do que é irreduzível, de tudo o que está fora do campo de possibilidade, tanto ao nível da experiência, quanto dos afetos, como a violência e outras categorias abjetas. E, indo além, como há uma relação de troca e mobilização entre esses dois campos, para operar e garantir a estabilidade do campo homogêneo, focada na questão da soberania do líder, e de como este espaço que se localiza nos limites sociais é aproveitado pelos regimes totalitaristas para instaurar seu estado de exceção ao mobilizar o impulso das massas.

Isadora Mendes de Paula Souza (FFLCH | USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

E-mail: isadorampsouza@gmail.com

“Agamben e “a luta de gigantes a cerca de um vazio: a disputa topográfica do estado de exceção”

Estado de Exceção é sem dúvidas umas das principais noções políticas na filosofia de Giorgio Agamben. Sua topografia, também estudada pelo autor, é uma das mais importantes discussões feitas sobre o conceito na tradição jurídica. Nesta, tudo gira em torno de saber se trata-se de um fenômeno intrajurídico ou extrajurídico. Afinal, onde está localizado o estado de exceção? Para dar luz ao problema, o filósofo italiano retoma o debate de dois grandes pensadores, a saber, Carl Schmitt e Walter Benjamin, propondo uma nova e instigante perspectiva – o estado de exceção é um território desterritorializado, anômico e indeterminado. Este trabalho, então, pretende expor a “luta de gigantes [Schmitt e Benjamin] a cerca de um vazio”, como é nomeada por Agamben, com vistas a compreender qual a nova perspectiva teórica em questão e quais suas consequências políticas.

18h30 – CONFERÊNCIAS

Pablo Rubén Mariconda (DF | FFLCH | USP):

“Riscos tecnológicos e a necessidade da pesquisa multi-estratégica”

Ivan Domingues (DF | UFMG):

“As novas biotecnologias e a questão antropológica: implicações morais”

QUARTA-FEIRA 25/04

MESA 16 – ESTÉTICA E WALTER BENJAMIN
(10:00 – 12:00) – sala 106-B

Coordenador(a): Michel Amary Neto (Mestrando)

Lucas Melo Souza (FFLCH | USP)

Orientação: Luiz Sérgio Repa

Financiamento: FAPESP

E-mail: souza.lucasmelo@gmail.com

“Walter Benjamin e a modernidade”

Nossa pesquisa consiste em definir os contornos e a especificidade do conceito de modernidade na obra de Walter Benjamin, sobretudo nos ensaios sobre o poeta francês Charles Baudelaire produzidos no fim dos anos 1930 – "A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire" (1938) e "Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire" (1939). A pesquisa visa expor o conceito e sua conformação a partir dos textos onde ele é enfaticamente nomeado, como a terceira seção do ensaio de 1938, "A Modernidade". Além desses textos, lança-se mão, sempre que necessário, de outras obras fundamentais do autor, como "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica" (1935-36), os “esboços” e os *exposés* do projeto das "Passagens" (escritos no fim da década de 1920 e ao longo da década de 1930) e, também, das obras da ampla tradição na qual ele se insere, a Teoria Crítica e suas grandes linhas de pensamento.

Isabela Simoes Bueno (UFPR)

Orientação: Walter Romero Menon Jr

Financiamento: Bolsa PET

E-mail: isabelasimoesbueno@gmail.com

“A pop art na era da reprodutibilidade técnica: fronteiras e encontros da arte com o popular”

O objetivo da presente comunicação é abordar a proposta de aproximação de elementos do popular com os meios eruditos da arte apresentada por artistas da

pop art, analisando aspectos formais e temáticos da própria obra de arte produzida dentro do movimento, bem como os meios de produção e execução adotados por esses artistas. Dentro desse contexto, como se deu a inserção de objetos publicitários, midiáticos e, portanto, cotidianos, nas obras pop? Qual seria o sentido conferido à arte dentro desse movimento? Para elucidar tais questões, exploraremos também o pensamento de Walter Benjamin a respeito da atrofia da aura da obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Veremos que as técnicas de reprodução utilizadas pelos artistas pop como Warhol e Lichtenstein aproximam o objeto artístico das massas: ele não mais é dotado de uma existência singular e, destarte, muito menos de uma “aura”.

Betina Dal Molin Juglair (UFPR)

Orientação: Walter Romero Menon Junior

Financiamento: PET Filosofia – UFPR

E-mail: betinajuglair@gmail.com

“A fotografia em Walter Benjamin: sobre a aura e a técnica”

Será privilegiado o percurso da fotografia nos seus movimentos internos no decorrer do século que separa sua invenção até a escrita de sua pequena história por Walter Benjamin em 1931. Em seus primórdios, a produção fotográfica vinculava-se a uma aura que permeava o objeto, preservando um caráter mágico revestido de autoridade e posteridade. A aura pairava por questões técnicas e políticas, mas certas ebulições no fazer fotográfico causaram uma distensão, através do aprimoramento da própria técnica e da diversificação dos motivos e perspectivas retratadas. Esses movimentos levaram ao desprendimento da aura e reorientaram o sentido da produção fotográfica para a recepção, e nesse contexto Benjamin aponta a necessidade de uma legenda a fim de pensar numa fotografia construtiva em detrimento de uma criativa.

Iasmin Leiros Sarmiento da Silva (UnB)

Orientação: Priscila Rossinette Rufinonni

E-mail: iasminleiros@gmail.com

“Estudos de Benjamin sobre o teatro épico: os intelectuais na condição de produtores”

Pretende-se nesta comunicação a investigação do tema proposto a partir do olhar do filósofo Walter Benjamin em seus dois ensaios O que é teatro épico e O autor

como produtor. Num primeiro momento, tentarei pensar em como as linguagens artísticas estão presentes em nossas vidas e agem de forma organizadora sob a lógica dos valores da classe dominante. Trazendo para o debate os estudos de Benjamin sobre o teatro épico e como a obra se situa dentro das relações de produção, é possível refletir sobre qual a necessidade do intelectual de tomar consciência do seu papel em uma sociedade de classes contemporânea. Por fim, em companhia de Iná Camargo, proponho tecer um debate sobre a influência do teatro político como dispositivo dialético com intenção de restabelecer as relações sociais afetadas pela lógica de produção.

MESA 17 – FILOSOFIA DA CIÊNCIA I

(10:00 - 12:00) – sala 104-B

Coordenador(a): Tiago Mathyas Ferrador

Helton Lima Soares (UFPA)

Orientação: Elizabeth de Assis Dias

E-mail: heltondelimasoares@gmail.com

“Bacon puro empirista: considerações acerca da interpretação de Karl Popper”

A presente pesquisa objetiva discutir a leitura de Karl Popper sobre os escritos de Francis Bacon, no que concerne ao método científico. Popper afirma que Bacon é um puro empirista na medida em que o filósofo inglês indica a indução como método seguro à ciência, concebendo as teorias desta a partir da observação direta da natureza, ou seja, a partir da experiência. Mas será mesmo que Bacon pode ser considerado um puro empirista como afirma Popper? Na tentativa de responder a esta questão apresentar-se-á leituras de comentadores de Bacon para que se possa contrapor as ideias destes com as de Popper. Nossa hipótese é de que a interpretação de Popper é válida, uma vez que se baseia em preceitos lógicos, porém acreditamos que sua interpretação desprezive parte da obra do filósofo inglês que fundamenta a interpretação de que este não pode ser considerado um puro empirista.

Cristiele Amorim Trindade (UNICAMP)

Orientação: Márcio Augusto Damini Custódio

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

E-mail: cris.amorim.trindade@gmail.com

“As Leis do movimento nos Princípios de Descartes”

O objetivo da pesquisa é esclarecer o vocabulário conceitual utilizado por Descartes para apresentar as três leis do movimento e as sete regras sobre a colisão entre dois corpos que se encontram no texto dos Princípios. O esclarecimento a que nos referimos diz respeito: (a) ao sentido em que se diz que o movimento é modo recíproco de dois corpos vizinhos; (b) ao sentido de se afirmar que o movimento, sendo um modo, pode possuir um modo, qual seja, sua

determinação. A pesquisa investiga também a terceira lei como contra-exemplo da compreensão ocasionalista. Na terceira lei, a conservação do movimento parece ocorrer como causa primeira do poder de Deus, mas também como causa segunda da substância extensa, uma vez que, de algum modo, a substância parece ter em si o volume, a velocidade e a quantidade de movimento.

Jardel Romão Travenisk (FFLCH – USP)

Orientação: Luís C. G. Oliva

Financiamento: PUB | USP

E-mail: jardelromao@yahoo.com.br

“Determinações filosóficas do saber na teoria do conhecimento em Blaise Pascal”

Através da temática dos Pensamentos de Blaise Pascal tendemos a ver insinuada uma teoria do conhecimento original, ou uma grande consideração acerca da constituição do saber humano. A razão é constantemente invocada neste desenvolvimento, pois ela expõe a si mesmo seus limites e enganos. Percebemos que, em Pascal, uma teoria da religião e do homem não prescinde de um fundamento metodológico apropriado, o qual está calcado nas próprias possibilidades humanas de conhecimento e na preocupação com o êxito da ciência. Propõe-se interpretações a respeito de quais e como estas determinações filosóficas (por assim chamar a temática própria e constitutiva do pensamento pascaliano) se relacionam com suas concepções acerca do conhecimento e da ciência.

MESA 18 – KANT E EPISTEMOLOGIA

(10:00 - 12:00) – sala 119

Coordenador(a): Leandro Hollanda Araujo (Mestrando)

Robson Carvalho dos Santos (FFLCH – USP)

Orientação: Maurício Keinert

Financiamento: PUB | USP

E-mail: robson.carvalho.santos@usp.br

“Uma genealogia da revolução copernicana”

Amplamente abordada e conhecida como uma das inovações trazidas por Kant à filosofia, a revolução copernicana terá fortuna ao longo de toda a Crítica da razão Pura como um recurso ao qual Kant recorrerá para resolver inúmeras questões. Dada sua importância nos escritos do autor e o papel que ela exerce como expressão de uma nova visão de mundo, a questão que pretendemos trabalhar nesse texto é a possibilidade de rastreá-la em sua origem ou desenvolvimento em alguns dos textos de Kant até sua manifestação evidente no prefácio à segunda edição da Crítica. Além dessa genealogia, buscaremos conectar o surgimento da revolução copernicana a discussão enfrentada pelo autor a respeito da natureza do espaço e do tempo, que em sua época de formação fora protagonizada por newtonianos e leibnizianos.

Pedro Farhat (UFABC)

Orientação: Bruno Nadai

Financiamento: CNPq

E-mail: gpedro.cfarhat@gmail.com

“A disciplina da razão pura como método da crítica”

A comunicação tem como ponto de partida o prefácio da primeira edição da Crítica da razão pura, buscando os temas que surgem no prefácio e que tem relevância sobre o conceito de crítica. Ao explorar a filosofia crítica em sua completude sistemática, pergunta-se se é possível uma ligação da faculdade de julgar com a disciplina da razão pura, apresentada ao fim da obra. A associação parece pouco intuitiva, porém revela sua importância na ligação com a noção de um uso polêmico. O problema aparece também como uma via de compreensão

sobre a função da faculdade de julgar no projeto crítico, bem como sua ligação com a limitação do conhecimento especulativo ou sentido negativo de crítica. Com isto, precisamos a construção do projeto de disciplinar a razão dialética e podar pela raiz a ilusão transcendental.

Sabrina de Cassia Alencar Gonçalves (UFPA)

Co-autoria: Clarice Melo Stabenow

Orientação: Luis Eduardo Ramos de Sousa

E-mail: sg57581@gmail.com

“Crítica de Kant sobre os conceitos de espaço e tempo de Leibniz e Newton”

Este trabalho visa mostrar as críticas de Kant às concepções do espaço e tempo de Newton e Leibniz, exposto por ele na Estética Transcendental da Crítica da razão pura (1787). De acordo com Kant, o espaço e tempo é uma condição subjetiva da sensibilidade, enquanto que para Newton é uma substância e para Leibniz é algo aderente às coisas.

Dener de Souza Borges (UFPA)

Orientação: Luís Eduardo Ramos de Souza

E-mail: denerborgess@gmail.com

“A concepção de ciência de Kant em contraposição ao ceticismo científico de Hume”

Essa pesquisa tem como objetivo demonstrar as consequências geradas pelo ceticismo de David Hume para o juízo científico, e também apresentar a proposta do filósofo alemão Immanuel Kant para solucionar as implicações desse problema apresentado na obra “Crítica da Razão Pura” (1781). Proponho demonstrar que a proposta de conhecimento científico elaborada por Kant é a via mais segura para ciência, em contrapartida aos problemas suscitados pela concepção de Hume.

Sam Alves Sousa (UFPA)

Orientação: Roberto Barros

E-mail: archegnosis@gmail.com

“Tempo: implicações filosóficas”

O que é o tempo? Esta pergunta tomou grande espaço entre os problemas da física e astronomia, tendo sua origem num grande problema filosófico tradicional sobre o movimento e a duração. A pertinência filosófica do conceito tempo é notável no pensamento de Newton, que pensou em um modo de conceituação matemática e fixa de tempo, influenciando assim o pensamento de Kant, até a grande revolução no entendimento de tempo a partir da teoria de Einstein sobre a relatividade especial. Este trabalho irá abordar os problemas e concepções – a partir de princípios matemáticos Newton, que formulou sua concepção filosófica de tempo absoluto, até a relatividade especial de Einstein – sobre isto chamado tempo.

Vinicius Williams Silva (UFPA)

Co-autoria: Jeremias Moraes do Nascimento

Orientação: Luís Eduardo Ramos de Souza.

E-mail: viniciuswilliams871@gmail.com

“A concepção do espaço e tempo de Kant”

Esse artigo tem como objetivo expor as diferentes concepções de espaço e de tempo, segundo Newton, Leibniz e Kant. Para o primeiro, o espaço e o tempo eram entendidos como grandezas absolutas, independentes do sujeito e das coisas, sendo assim, existentes por si mesmas. O segundo, entendia esses conceitos como uma relação recíproca dos elementos da natureza e ligados às coisas, ou seja, o espaço e o tempo dependem da relação das coisas para existirem. Quanto a Kant, sua concepção de espaço e de tempo dependem unicamente da capacidade cognitiva do sujeito, pois essas são formas puras da sensibilidade. Esta é faculdade primaria e receptora de dados que geram o conhecimento.

MESA 19 – SARTRE E MERLEAU- PONTY

(10:00 - 12:00) – sala 10

Coordenador(a): Maria Magdalena Cunha de Mendonça (Pós-doutoranda)

Abel dos Santos Beserra (FFLCH | USP)

Orientação: Alex de Campos Moura

Financiamento: Bolsa FFLCH

E-mail: abelbeserra@gmail.com

“O conceito de hábito a partir da obra “A estrutura do comportamento” de Merleau-Ponty”

O conceito de hábito tem longo percurso na história da filosofia e a presente pesquisa visa compreender como Merleau-Ponty o desenvolve a partir de bases que criticam e procuram superar as da tradição. Neste sentido, parte-se de uma de suas obras iniciais: “A estrutura do comportamento”. Os métodos e procedimentos adotados são: leitura, discussão e fichamento de textos relacionados à obra supracitada. A hipótese e os resultados preliminares, pois trata-se de uma pesquisa ainda em curso, apontam que o conceito de hábito em Merleau-Ponty permite reelaborar, por sua vez, outros conceitos também de longa tradição na história da filosofia, por exemplo: o dualismo operante entre a consciência e o objeto (implicado em certos pressupostos ontológicos e epistemológicos). Assim, são abertas novas perspectivas ao pensamento.

Paula Feijó de Medeiros (FFLCH | USP)

Orientação: Alex de Campos Moura

E-mail: paula.feijo.medeiros@usp.br

“Intersubjetividade nas considerações de Merleau-Ponty sobre Outrem e o Mundo Humano”

Ao tratar a relação entre sujeito e outrem na Segunda Parte da Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty coloca a redescoberta do mundo social como campo permanente ou dimensão da existência. O outro, assim como o mundo, apresenta uma imanência de princípio e, ao mesmo tempo, uma transcendência de fato. A intersubjetividade entra em cena quando o sujeito integra uma vivência que o projeta para fora de si. Com isto, ela é posta como uma subjetividade

transcendental que é revelada, colocada para outrem. Procuramos entender a articulação entre a percepção do outro como comportamento e a abertura desta dimensão intersubjetiva baseada na transformação da noção de transcendência e de imanência, que reconhece a existência incontestada de um outro no horizonte de minha vida.

João Pedro Gomes Chama (UFMS)

Orientação: Máira Borba

Financiamento: PIBID

E-mail: joaopedrogoch@outlook.com

“Introdução ao existencialismo sartriano”

A doutrina existencialista foi e ainda é alvo de grandes discussões causadas por más interpretações. O objetivo do presente artigo é expor e esclarecer a doutrina existencialista a partir de Jean-Paul Sartre, utilizando como texto base sua obra *Existencialismo é um Humanismo* (1946). Para tanto, inicialmente apresenta-se o existencialismo em termos gerais e os autores que contribuíram para tal doutrina e suas limitações. Em um segundo momento, tenta-se compreender a ideia de que o homem possui responsabilidade pelo seu destino e pelo do próximo, que suas ações sempre serão refletidas na sociedade conforme sua escolha, condenando-o a uma liberdade de escolha. Por fim, faz-se uma reflexão acerca do paradoxo entre determinismo e liberdade, buscando compreender o existencialismo sartriano enquanto uma doutrina da ação e não da passividade, ou seja, enquanto um humanismo.

Eloísa Camarão Oliveira (UEPA)

Orientação: Lúcia Melo

E-mail: eloisaoliveira782@gmail.com

“Uma viagem pelo romance sartreano: os dados estão lançados”

O presente artigo se da a partir de uma viagem que se mantém em um paradoxo: A existência dos vivos e a dos mortos, segue-se então inúmeros questionamentos em torno do mesmo como; Existe vida após a morte? Depois que morre é possível voltar à vida? O que é o Destino? Os dois personagens principais da trama Pedro e Eva tem a oportunidade de vivenciar e contemplar cada questão desta história, veem no artigo 140 a oportunidade de voltar a vida e viverem o amor que lhes foi destinado, uma vez que a potencia regente acaba por errar no enlace dos seus destinos. Todos guiados pelo “Diretor” o Ser que rege a vida e a morte, neste Romance que é cercado de mistérios Metafísicos e Místicos.

MESA 20 – ESTÉTICA III
(16:00 - 18:00) – sala 106-B

Coordenador(a): Marcello Eloy Mendes Spinola (Mestrando)

Felipe Serafim Vieira (UFPR)

Orientação: Paulo Vieira Neto (UFPR); Benito Eduardo Maeso (Co-orientador(IFPR))

E-mail: felipesfvieira@gmail.com

“Expressão e o fim da experiência: Bauhaus sob a ótica de Theodor Adorno”

A presente comunicação se propõe a mostrar como a arquitetura desenvolvida pela Bauhaus (sobretudo na figura de seu fundador, Walter Gropius, influenciado pelo ideário de Adolf Loos) serviu como meio de adaptação a uma sociedade enrijecida. Para tal empresa, serão colocadas, em primeiro momento, as considerações de Walter Benjamin tendo em vista sua defesa à referida escola de arquitetura e design e como se evidencia sua relação com o conceito de experiência; em seguida serão colocados, sob perspectiva, alguns apontamentos de Theodor Adorno sobre a Bauhaus e como se desdobram consequências com efeitos contrários sobre a experiência. Em resumo, lá onde Benjamin enxergava algo libertador que “abolía a propriedade privada”, Adorno via a morada do fim da experiência. Os caracteres assépticos e frios do ferro e do aço faziam parte do corolário que compunha a vida lesada exposta por ele em *Minima Moralia*.

Como foi possível a Bauhaus? Como foram desenvolvidos seus ideais projetuais no âmbito da arquitetura? Quais eram suas figuras expoentes e quais as particularidades que cada um guardava para si? Essas serão algumas das perguntas que encontrarão aqui algumas tentativas de resposta feitas a partir de uma genealogia do campo artístico no século XIX até o início do XX. Após essa exposição que, aqui se pretende preliminar, haja vista que têm como objetivo criar o arcabouço necessário de pressupostos para sua crítica, será lançado um olhar para o que Adorno, em sua Teoria Estética, intitula de Dialética do funcionalismo e como ela opera no interior da escola de Gropius.

O desenvolvimento da Dialética do funcionalismo se encaixa sob a seguinte problemática: como o banimento do uso de ornamentos em projetos arquitetônicos surge de modo emancipatório, em primeiro plano, mas posteriormente se revela como um fechamento, um estreitamento da expressão artística? O estabelecimento coercitivo normativo da Bauhaus é confirmado pelo seu programa total de projeto. “Da colher à cidade” como é conhecido seu jargão, isto é, apesar do tom progressista, aspira-se uma tentativa de validação universal na esteira da forma da indústria cultural em voga na época. Portanto exclui-se a contradição e o diferente para o estabelecimento de um “não-estilo” defendido por Gropius em seu BAUHAUS: novarquitectura e em demais escritos. O destino final desse exame desemboca na questão: de qual maneira esta exclusão serviria

como ponto nodal de retomada para o entendimento da proposta inicial (a adaptação a uma sociedade enrijecida)?

Pedro Côrtes Loureiro (FFLCH-USP)

Orientação: Alex de Campos Moura

Financiamento: USP

E-mail: pedro.loureiro@usp.br

“Para uma fenomenologia merleauPontiana da estética musical: o "groove" e a percepção das nuances musicais”

Esta pesquisa busca, através do estudo da fenomenologia de Merleau-Ponty, uma compreensão mais holística dos fenômenos musicais, especialmente sobre a problemática das nuances musicais, cuja expressão não pode ser completamente observada através dos métodos puramente analíticos, musicológicos e psicológicos. Baseando-se no texto de Tiger C. Roholt, Groove: a Phenomenology of Rhythmic Nuance, esta pesquisa investiga principalmente sobre o papel do corpo, da motricidade e da intencionalidade motora na apreensão da música e de suas nuances.

Rafael Lopes do Valle (UFSCar)

Orientação: Ana Carolina Soliva Soria

E-mail: rafaellopesdovalle@gmail.com

“Gilda de Mello e Souza e os princípios estéticos da moda”

Em O espírito das roupas, Gilda de Mello e Souza examina a moda no século XIX. Antes de discorrer sobre os aspectos psicológicos e sociais da moda, a ensaísta questiona os aspectos estéticos da indumentária. Seria a moda uma forma de arte assim como são a pintura e a escultura? Após uma análise da relação da moda com as formas clássicas de arte, a professora da USP aponta que a moda é arte, e que um de seus princípios estéticos a distingue das outras artes, tornando-a autêntica. Assim, para o julgamento artístico da vestimenta são necessários quatro princípios estéticos: a forma, a cor, o tecido e a mobilidade, que serão discutidos nessa apresentação.

Gustavo Santana de Moraes (FFLCH | USP)

Orientação: Ricardo Nascimento Fabbrini

Financiamento: CAPES

E-mail: gustavo.morais@usp.br

“Os situacionistas e a crítica do urbanismo moderno”

O objetivo deste trabalho é analisar as origens e o desenvolvimento da crítica elaborada pela Internacional Situacionista (1957-1972) sobre a arquitetura e o urbanismo modernos. Colocando-se contra o funcionalismo e a perda da espontaneidade na vida cotidiana, os situacionistas, em um primeiro momento, formularam propostas de “comportamento experimental” (a “deriva psicogeográfica”), procurando formas concretas de romper com a passividade na vida cotidiana. Trata-se de compreender como o grupo constituiu uma crítica própria, contundente e nuançada nas décadas de 1950 e 1960 sobre a constituição e os destinos da cidade (para o que é confrontada com as obras de Le Corbusier e Henri Lefebvre), sempre recusando o conhecimento especializado. A crítica situacionista ao urbanismo, desde sua formulação, tornou-se referencial, haja vista sua retomada para as discussões atuais sobre essa questão.

Michele Regina Bora (UNICENTRO)

Orientação: Manuel Moreira da Silva

E-mail: miregina@live.com

“A poética filosófica de Fernando Pessoa: Pensamento, sensação e heteronímia”

Neste trabalho discutimos o modo como se articula o pensamento, a sensação e a heteronímia na poética filosófica de Fernando Pessoa. Tematizamos a poética do escritor como filosófica porque sua expressividade exige uma compreensão da arte como pensante por si mesma. Em vista disso, usaremos tanto a poesia quanto a prosa pessoana para mostrarmos que o poeta se mostra desfavorável aos preceitos da modernidade que secundarizam as sensações. As sensações, em Pessoa, são primordiais - por isso sua afinidade com a filosofia antiga - e os principais heterônimos seguem o mesmo princípio. A heteronímia ocupa um lugar solene na poética pessoana. Além do fenômeno da heteronímia ter sido uma condição natural no poeta foi também o núcleo de sua poética, nela, ele reúne sensação e pensamento a fim de superar a decadência de compreensão do conhecimento e da existência de sua época.

MESA 21 – FILOSOFIA DA CIÊNCIA II

(16:00 - 18:00) – 104-B

Coordenadora: Diana Taschetto (Doutoranda)

Luiz Pedro da Silva Seabra (UFPA)

Orientação: Elizabeth de Assis Dias

Financiamento: PROPESP-UFPA

E-mail: luizseabra@hotmail.com

“Uma análise da analogia feita por Kuhn entre revoluções científicas e revoluções políticas”

O objetivo deste trabalho é analisar uma analogia que Kuhn faz entre revolução científica e revolução política, e esclarecer se de fato há essas similitudes. Para tal, iremos analisar a obra *Estrutura das Revoluções Científicas*, de Kuhn, onde ele nos apresenta sua concepção de revolução científica e estabelece a analogia com a revolução política, como também, a obra *O Antigo Regime e a Revolução* de Alexis de Tocqueville, na qual ele expõe a sua ideia de revolução política. Pretendemos esclarecer as concepções de revolução científica e política, além de apontar as semelhanças que Kuhn diz existir entre elas. Após isso, analisaremos se há essas similaridades expressas pelo autor. Nossa hipótese é que as revoluções científicas são comparáveis às políticas, mas que há apenas identificação parcial, isto é, similaridade apenas em alguns aspectos.

Gabriel Shimada Rabello (UFPA)

Orientação: Elizabeth de Assis Dias

E-mail: shimada995@gmail.com

“É a teoria da propensão necessária para a defesa do indeterminismo?”

O presente trabalho possui como escopo a investigação sobre a necessidade da teoria das propensões para a defesa do indeterminismo. Nossa investigação se dará dentro do âmbito teórico da filosofia da ciência de Karl Popper e, desta forma, tomando como referência a formulação do autor da interpretação propensional das probabilidades e de sua formulação do indeterminismo, noções tratadas nas obras *Um mundo de propensões*, *O realismo e o objetivo da ciência*, *O universo aberto* e *A teoria dos quanta e o cisma na física*. Como apoio teórico adicional também iremos considerar a posição de alguns críticos de Popper.

Ana Clarice Rodrigues Costa (UFSJ)

Orientação: Gustavo Leal-Toledo

Financiamento: CNPq

E-mail: ana_clarice_r@hotmail.com

“O conceito de paradigma em “A Estrutura das Revoluções Científicas” de Thomas Kuhn”

No trabalho que se segue, pretendo apresentar a discussão em torno do conceito de paradigma na obra “A Estrutura das Revoluções Científicas” (1962) de Thomas S. Kuhn em diálogo com dois críticos, Dudley Shapere e Margareth Masterman, que nos seus respectivos trabalhos, escritos em resposta imediata à publicação da obra, se detiveram a considerar em suas análises, de modo principal, apenas esse conceito. Como veremos, o termo paradigma é proficuamente empregado de modo polissêmico na “Estrutura” e pode se referir a diversas instâncias que estão circunscritas dentro e fora do âmbito científico. Shapere (1964) irá duvidar da relevância e da necessidade do uso de tal termo e Masterman (1965) nos apresentará as diversas nuances do uso do termo na “Estrutura” desde seu ponto de vista, mais científico que filosófico.

Máximo Gustavo Rodríguez de Melo (UFPA)

Orientação: Elizabeth de Assis Dias

E-mail: maxrodmelo@outlook.com

“Popper, um falseacionista metodológico sofisticado”

Este trabalho possui como objetivo analisar o falseacionismo de Popper e identificá-lo como “metodológico sofisticado” em oposição a Lakatos, crítico de Popper, que vê o falseacionismo popperiano como “metodológico ingênuo”. Assim, enfatizaremos que este “falseacionismo metodológico” de Popper requer não apenas que uma teoria ou hipótese científica seja falseável, mas também, a obrigatoriedade de substituição de uma hipótese falseada por outra de maior abrangência. Para sustentarmos a posição que apresentaremos neste trabalho, tomaremos como referência as obras de Popper A lógica da pesquisa científica e Realismo e Objetivo da ciência, nas quais desenvolve suas ideias acerca de seu falseacionismo e o artigo de Lakatos intitulado “O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica”, no qual critica o falseacionismo de Popper.

MESA 22 – FILOSOFIA MODERNA

(16:00 - 18:00) – sala 1035

Coordenador(a): Natanailtom de Santana Morador (Doutorando)

Beatriz Laporta (FFLCH | USP)

Orientação: Luis Cesar Oliva

E-mail: laporta.beatriz@gmail.com

“A importância da união substancial para o estabelecimento da árvore do saber cartesiana”

Neste trabalho, pretende-se investigar como a partir da união substancial Descartes conseguiu abrir em sua filosofia algum espaço para o conhecimento incerto e confuso. Isto é, como precisou da “raiz” metafísica para fundamentar o plano do conhecimento da experiência e do sentimento, possibilitando o alcance do “tronco” da física e do “galho” da moral em sua árvore do saber. Pois, concluído na Correspondência que o conhecimento da união é aquele da experiência e da vida comum, Descartes abre a possibilidade de uma nova física diferente da aristotélica-tomista, e impossibilitado de atingir uma moral perfeita derivada do conhecimento completo, como gostaria nas Meditações, aceita as regras provisórias e uma ciência das paixões que se integre com a obscuridade intrínseca típica desses conhecimentos.

Kailani Amim Postilhoni Ferreira (UNESP – Marília)

Orientação: Kleber Cecon

E-mail: kai_ferreira@yahoo.com

“Esboço sobre a prova ontológica de Deus cartesiana”

Apesar de pavimentar uma filosofia baseada no eu, a presença de um ser supremo faz-se extremamente necessária ao sistema cartesiano. Descartes concebeu um Deus não apenas necessário à ordem do mundo como já era dado pela filosofia precedente como também um Deus intelectivamente indispensável à própria autenticação do cogito. Seu argumento ontológico para a demonstração da existência de Deus, embora parecido com o anselmiano, prevê uma desenvoltura ímpar atrelado ao próprio fundamento da sua filosofia a partir da dúvida. Por isso, faz-se necessário resgatar a dúvida cartesiana contida no quarto capítulo do Discurso do Método (1637) e o como ela foi mais bem aprimorada posteriormente nas Meditações (1641) e inserir Deus estrutural e logicamente como uma peça definitiva na dissolução do ceticismo interno do cartesianismo.

Nicholas Ribas Cabete Bertoloni (FFLCH – USP)

Orientação: Oliver Tolle

Financiamento: PROCAD - CAPES

E-mail: ni_rcb@hotmail.com

“Música e estética no pensamento cartesiano: subjetividade, imaginação e sensibilidade”

A exposição do presente projeto de iniciação científica tem como objetivo apresentar suas intenções enquanto ambos comentário histórico e investigação interna ao sistema filosófico cartesiano. O ponto principal a ser trabalhado é o lugar ocupado pela sensibilidade na obra de Descartes, bem como suas relações com os problemas fundamentais do filósofo e o surgimento da noção moderna de subjetividade. Para tal, propõe-se inicialmente o exame mais minucioso acerca de suas observações sobre a música, presentes em sua obra de juventude *Compendium Musicae*, no esforço primeiro de sua contextualização no todo da filosofia cartesiana. A partir disso, considerados seus textos posteriores, trata-se do estudo das diversas questões levantadas pelo fenômeno sonoro, assim como do sensível em geral, em relação às paixões e à compreensão cartesiana da inteligibilidade como possibilidade subjetiva.

Bruno Gonçalves Moreira (USJT)

Orientação: Professor Doutor Tomas Prado

Financiamento: PROUNI

E-mail: brunomoreirads@outlook.com

“A constituição do método cartesiano”

Tendo em vista a importância do método na filosofia de Descartes, pretendemos responder a questão: o método, como artifício para conduzir a razão no caminho do conhecimento verdadeiro, tem como matéria própria a matemática ou a razão? É claro que tanto a razão quanto a matemática ocupam lugares importantes no método cartesiano, porém, as implicações que enfrentamos são: o método, como ferramenta da razão, deve basear-se na evidência das matemáticas, operando de forma analítica, ou seja, aplicando reduções e divisões no corpo do conhecimento vigente; ou, mesmo sendo um artifício técnico para conduzir a razão, a sua estrutura é construída com as próprias funções operacionais da razão, ou seja, compostas por dois movimentos, a saber, a certeza e a indubitabilidade sendo aplicadas sobre o corpo do conhecimento vigente, para assim encontrar o conhecimento certo e evidente.

Marília Alcântara Nascimento (UNIFESP)

Orientação: Sérgio Xavier Gomes de Araújo

Financiamento: CNPq

E-mail: marilianascimento@gmail.com

“A melancolia como formadora da subjetividade moderna em Montaigne”

Na história da filosofia encontramos comumente concepção de que René Descartes, que tem o Discurso do Método (1637) como sua obra de maior destaque, seja o primeiro filósofo moderno e, assim sendo, sua filosofia como a pedra tabular do que hoje se entende por subjetividade moderna a partir dos desdobramentos de sua máxima “ergo cogito ergo sum”.

Os Ensaios (1580) de Michel de Montaigne (1533-1592) parecem ser um solo fecundo para encontrar uma alternativa ao que Walter Benjamin (1892-1940) critica no sistema filosófico de Descartes. Há nos Ensaios algo de inédito no que diz respeito ao tema da subjetividade, que aproxima o autor humanista francês do filósofo crítico alemão, tendo como ponto de contato uma possível melancolia na constituição do sujeito. Nossa investigação é sobre o papel da melancolia na formação do sujeito moderno e que seria tal a herança de Montaigne para a modernidade

MESA 23 – BERGSON E MERLEAU- PONTY

(16:00 - 18:00) – sala 109

Coordenador(a): João Lucas Pimenta da Silva Pinto (Mestrando)

Marlon Henrique Moreira Santos (UNIFESP)

Orientação: Profa. Dra. Rita Paiva

Financiamento: CNPq

E-mail: marlonsn@outlook.com.br

“As miragens negativas como condição positiva da ação e como pressuposto para a perda do Ser em Bergson”

O propósito dessa pesquisa se encontra na construção de uma leitura acerca da natureza do agir humano, assim como compreendido por Henri Bergson. Trata-se de perscrutar que efeitos ressoam nas ações o vínculo entre a inteligência – em sua vocação pragmática –, e a imaginação enquanto aliada dessa tendência. Verifica-se, ademais, o papel dessas imagens no conhecimento filosófico do real. Elencamos nos textos do filósofo algumas reflexões acerca da natureza da inteligência, seu modo habitual de conhecer e agir, bem como da atuação específica de certas imagens, quando a inteligência se encontra sujeita à necessidade objetiva de intervir no mundo e quando se desvia da prática em direção ao pensamento especulativo. Nossa incursão se debruça sobre problemática do autor no quarto capítulo de A Evolução Criadora, quanto aos descaminhos da imagem e ideia do Nada.

Daniel Donato Ribeiro (UFABC)

Orientação: Marinê de Souza Pereira

E-mail: danieldonator@gmail.com

“A intuição bergsoniana como método e ato simples”

A realidade apresenta-se em mistos os quais compõem a vida cotidiana e, com isso, ofuscam nossa percepção do que ela possui de mais particular, ou seja, o tempo. A via de identificação das diferenças desses mistos e de compreensão do íntimo do real aparece à forma de conhecimento intuitiva. Desse modo, a intuição volta-se para a duração e rompe com os quadros perceptivos habituais, impostos pelo movimento evolutivo da vida. Neste texto buscaremos apresentar de que modo a intuição desponta no pensamento bergsoniano como método capaz de recolocar os problemas filosóficos nos termos do tempo, alcançando assim um conhecimento ontológico do real. Assim, apontaremos como a arte aparece no

horizonte desse esforço filosófico, procurando mostrar que a intuição traça uma conexão entre o esforço do método filosófico e a obra do artista que capta naturalmente tal realidade.

Dani Barki Minkovicius (FFLCH – USP)

Orientação: Franklin Leopoldo e Silva

Financiamento: PET - Filosofia USP

E-mail: dani.minkovicius@usp.br

***“O vivente, o artista e o determinista:
relendo o Ensaio sobre os dados imediatos da consciência de
Bergson”***

No âmbito de nossa pesquisa "A expressão do inefável: encontrando o problema", esta comunicação intitulada "O vivente, o artista e o determinista: relendo o Ensaio sobre os dados imediatos da consciência de Bergson" pretende reconstituir a obra em questão atentando-se ao problema da liberdade enquanto o problema da expressão da duração. Trata-se, portanto, de uma investigação que se apoia nos dizeres do próprio Bergson, quando este afirma alhures que um problema filosófico está resolvido quando bem posto. Desse modo, buscamos, bem colocando e compreendendo o problema da liberdade, resolver o problema da liberdade, assim como o problema da expressão da duração. Nesse processo, então, serão esclarecidas as figuras daquele que é livre e do determinista, além de, por fim, ser esboçada a peculiaridade da arte na possibilidade da liberdade - ou, na possibilidade da expressão da duração.

Maria Isabel Galdino da Costa Silva (USJT)

Orientação: Hélio Salles Gentil

E-mail: mariaisabelgald@gmail.com

***“A Fenomenologia da Percepção e o conflito de Merleau-Ponty com
as noções clássicas”***

Para Maurice Merleau-Ponty, as noções clássicas utilizadas pelas teorias da percepção são limitadas para a compreensão da experiência efetiva. O autor, então, encontra na fenomenologia um modo de resolver essa insuficiência e propõe uma “fenomenologia da percepção”, como mostra o título de uma de suas principais obras. Assim, pretendemos examinar o caminho que o autor trilha para a edificação do seu projeto, procurando esclarecer o que é a fenomenologia e o que é a percepção, a partir do conflito com as teorias clássicas. Segundo o autor, as teorias então correntes são discursos elaborados dentro da atitude natural, pressupondo tacitamente a objetividade como anterior à percepção. Mas como e o que a percepção constitui efetivamente? A pergunta pela essência da percepção

se revela, para o filósofo, como a investigação mais radical da filosofia, como nosso trabalho procura mostrar.

Israel Rossi Milhomem (FFLCH | USP)

Orientação: Marcus Sacrini Ayres Ferraz

Financiamento: PET

E-mail: israelrossi1997@gmail.com

“A relação do intelectualismo com o idealismo na Fenomenologia da Percepção”

Na introdução da Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty nos aponta para uma das questões mais importantes do livro: a discussão sobre a tradição intelectualista. Paralelamente a esta discussão, há também um esforço do filósofo de discutir o idealismo transcendental, se remetendo principalmente aos textos de Edmund Husserl. Meu esforço neste trabalho é o de analisar até que ponto as críticas ao intelectualismo remetem e prenunciam a discussão acerca do idealismo transcendental. Para então, a partir deste ponto, pensar se sua fenomenologia se sustenta sem ser idealista.

18h30 – CONFERÊNCIAS

Silvana de Souza Ramos (DF | FFLCH | USP):

“Representação e sociedade autoritária”

Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (DF | FFLCH | USP):

“A ideia de representação: origem e problemas”

QUINTA-FEIRA 26/04

MESA 24 – KARL MARX I
(10:00 - 12:00) – sala 104-B

Coordenador(a): Thiago Dias da Silva (Doutorando)

Bruno Fernandes (UFSCar)

Orientação: Monica Loyola Stival

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

E-mail: brunofernandesfh@gmail.com

“Emancipação política e emancipação humana: os caminhos para a revolução no jovem Marx”

Sobre a questão judaica é escrito por Marx para rebater a solução proposta por Bauer sobre a relação entre o Estado prussiano e as reivindicações de emancipação do povo judeu alemão. Para Marx, a emancipação política é insuficiente para a libertação do homem como sujeito realizado; para tal libertação, o que se deve reivindicar é a emancipação humana. A partir disso, nossa pesquisa discute as distinções e limites fundamentais entre emancipação política e humana. Pretendemos reconstruir a tese de que a emancipação política é insuficiente para dissolver as contradições em que vive o homem; a separação entre público e privado, cidadão e indivíduo expressa sua vida dupla: uma comunitária e outra particular. Assim, o homem permaneceria um ser outro, indeterminado, pois as duas esferas não se realizariam, e a consequência seria a não realização da própria realidade empírica do homem.

Karen Moreno Spisso (FFLCH | USP)

Orientação: Luiz Sergio Repa

E-mail: karen.spisso@usp.br

“A abstração de qualidades na alienação político-social no artigo “Sobre a questão judaica””

'Karl Marx revela ser a abstração das qualidades o instrumento de alienação. A ver, é abstraindo um homem, enquanto corpo presente em uma sociedade o que ele tem de predicados individuais que se tem o homem burguês (bourgeois) e

abstraindo-o enquanto membro da sociedade política formadora do Estado alienado que se tem o cidadão (citoyen). No artigo Sobre a questão judaica, publicado em 1844, Marx trata da necessidade de emancipar o judeu na sociedade cristã. Na resolução se tem que seria possível conciliar o judaísmo e o cristianismo de forma que nem um e nem outro interferissem nas esferas recíprocas: o Estado deveria renunciar ao cristianismo, uma vez que o Estado indiscutivelmente interfere e se relaciona com todos os homens, enquanto o homem judeu renuncia à sua individualidade, o judaísmo, enquanto aquele que se relacionará com o Estado."

Paulo Henrique Pereira Mota (FFLCH | USP)

Orientação: Vladimir Pinheiro Safatle

Financiamento: CNPq

E-mail: phpmota@gmail.com

“A noção de essência humana no jovem Marx”

Não foram poucos os pensadores da história que tentaram definir a essência humana ou que, ao menos, apontaram características próprias à esta. Aristóteles, por exemplo, em sua Metafísica, afirmou pertencer à natureza humana o desejo pelo saber, pois sentimos prazer em contemplar o mundo. Embora nunca fosse seu objeto direto de estudo, como o filósofo escocês David Hume escrevera um tratado específico sobre a natureza humana, "Tratado da natureza humana", Marx também não se prescindiu de pronunciar sobre essa questão importante história da filosofia. Assim, trata-se de procurar localizar o sentido do conceito de essência humana no jovem Marx, com base nas suas principais obras – desde 1843-1846. Ou seja, pressupondo a aproximação teórica entre essência humana e ser genérico (Gattungswesen), objetivamos salientar a sua relevância no pensamento ontológico de Marx.

Otto Sanchez-Crespo da Rosa (FFLCH | USP)

Orientação: Ricardo Ribeiro Terra

E-mail: e.otto@ymail.com

“O estatuto da contradição no jovem Marx”

Pretendo mostrar a importância da contradição para o desenvolvimento do pensamento de Marx nos escritos de juventude. Deste modo se esclarecem algumas dificuldades para estabelecer uma unidade de crítica.

Elizete Vaughan da Silva (FFLCH | USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

Financiamento: Ministério da Educação - PET

E-mail: eli.waughan92@gmail.com

“A experiência proletária e sua criatividade: o poder proletário cabe no poder partido?”

O conceito de experiência proletária de Claude Lefort entrevê a conjugação de diversas questões acerca da natureza criativa do proletariado, a qual se difere de forma incisiva da natureza da burguesia exposta pelo autor em sua obra "Éléments d'une critique de la bureaucratie", natureza tal que justifica o uso que faz essa burguesia do instrumento partido cindido entre direção e base . Lefort desenvolve um pensamento intrincado com a história, mais especificamente centrado na Revolução de Outubro na Rússia e sua posterior burocracia de Estado, enseja desvelar os limites da ferramenta de luta da forma partido pensada por Lênin a partir de sua concepção de consciência. Perpassando por uma reflexão sobre o papel dos intelectuais na revolução, visto o poder de criatividade das massas, conceito de Rosa Luxemburgo, o qual não cabe e nem é capaz de ser expresso por um grupo restrito de vanguarda.

MESA 25 – KANT E HEGEL

(10:00 - 12:00) – sala 117

Coordenador(a): Quesidonis Felipe da Silva (Mestrando)

Gabriel Rodrigues da Silva (UNESP)

Orientação: Pedro Geraldo Aparecido Novelli

Financiamento: CNPq (PIBIC)

E-mail: gabriel-rs@outlook.com.br

“A "astúcia da razão" na Filosofia da História de Hegel”

Nesta comunicação me proponho a apresentar o conceito de astúcia da razão (List der Vernunft) elaborado pelo filósofo alemão G.W.F. Hegel (1770-1831) em sua obra Filosofia da História – publicada pela primeira vez em 1837, após o falecimento do autor. Tal conceito é exposto por Hegel no segundo capítulo desta obra, no momento em que o filósofo apresenta os meios da realização da liberdade ou, como escreve o filósofo, da ideia. Aqui, busco primeiramente analisar e explicitar a importância e o papel desse conceito para a formação da filosofia da história hegeliana. E, após isso, pretendo esclarecer a relação, comumente denominada de problemática, entre o conceito de astúcia da razão e o conceito de liberdade. De um lado há a ação que ultrapassa o seu objetivo e atinge algo que lhe é desconhecido, do outro há a ideia de liberdade, isto é, o autodeterminar-se que age segundo seu próprio fim

Paulo Fernando Silva Amaral (FFLCH | USP)

Orientação: Luiz Sérgio Repa

Financiamento: PUB | USP

E-mail: pauloferaldo_amaral@hotmail.com

“A Liberdade Absoluta na Revolução Francesa”

A pesquisa almeja investigar a Revolução Francesa aos olhos de Hegel, utilizando, para tanto, duas de suas obras: a Fenomenologia do Espírito (A liberdade absoluta e o Terror, §§ 582-595) bem como a Filosofia da História. Mais especificamente, buscaremos compreender o papel que a Liberdade Absoluta exerce no momento revolucionário, contextualizando-a tanto no processo lógico dos momentos da Fenomenologia do Espírito- entendemos que a metologia interna à obra revela a progressão necessária das figuras da consciência que se sucedem de forma determinada em certa ordem que os conteúdos se conectam-bem como dos momentos históricos que se sucedem na Filosofia da História. Assim, o presente estudo busca entender como a Revolução Francesa é tomada

tanto crítica como necessariamente na obra hegeliana, posto que expõe um ponto fundamental de acesso do espírito à sua consciência da liberdade.

Valdilene Serra Assunção (UFPA)

Orientação: Dr. Pedro Paulo da Costa Corôa

E-mail: valdileneserra@yahoo.com.br

“Ética e História em Kant: um estudo do pensamento humano”

A presente comunicação pretende expor algumas considerações acerca da ética e história em Kant, levando em conta o entendimento deste filósofo a respeito do vínculo entre a ideia de humanidade e uma história universal, o que tem por base a separação da visão empírica e racional, que surge de sua perspectiva pura para a ética. É nosso interesse abordar a ideia de que o devir histórico, para Kant, deve ser regulado por um ideal da razão que aproxima comportamento do homem da ideia de humanidade. Sendo assim, estaria o homem seguindo conforme a racionalidade humana?

Airely (UFPA)

Orientação: Sérgio Nunes

E-mail: airely.maia.9@gmail.com

“A relação entre "Antropologia prática" e "Metafísica dos costumes" segundo Immanuel Kant”

Para Kant, a “Metafísica dos Costumes” trata das leis da liberdade, liberdade implica ética/moral, a isso se dá o nome “teoria dos costumes”. Para o filósofo, a filosofia moral trata da “vontade do homem enquanto ela é afetada pela natureza”, trata das leis segundo as quais tudo deve acontecer. A filosofia Moral e a Metafísica dos costumes são necessariamente racionais, não envolvem nenhum dado empírico, pois, para Kant, os dados que recebemos pelos sentidos são influenciados pelos nossos desejos. No entanto, na “Crítica da Razão Prática”, ele procura harmonizar as ideias de “Metafísica dos costumes” e “Antropologia Prática”. A segunda, exclusivamente empírica. Porém, Kant afirma que o papel do conhecimento antropológico, que se baseia em experiências, é saber em que casos essas leis morais, criadas pela razão, tem aplicação prática e se estão de acordo com a vontade do homem.

Vinicius Pinto de Carvalho (UNICAMP)

Orientação: Monique Hulshof

Financiamento: FAPESP

E-mail: carvalho.viniciusp@gmail.com

“Duas leituras sobre o conceito de máxima na moral kantiana”

“Age apenas segundo a máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal”. Nessa formulação paradigmática do imperativo categórico, o conceito de máxima exerce um papel central: é o conteúdo da máxima que passa pelo teste de universalização. Ainda assim, esse conceito é sucintamente definido por Kant, o que levanta algumas questões: o que é precisamente uma máxima? Máximas descrevem ações específicas ou são regras de conduta prática abrangentes? Todas as nossas ações têm como base alguma máxima? Nesta comunicação apresentarei as duas propostas de leitura correntes: a leitura descritivista das máximas, que propõe que para Kant todas as ações são de algum modo baseadas em máximas; e a leitura normativa, para a qual Kant tem a visão de que todas as ações racionais, e apenas elas, devem se pautar por máximas.

MESA 26 – FILOSOFIA RENASCENTISTA

(10:00 - 12:00) – Sala 101

Coordenador(a): Eugênio Mattioli Gonçalves (Doutorando)

Ricardo Polidoro Mendes (FFLCH | USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

Financiamento: PET

E-mail: ricardo.polidoro.mendes@gmail.com

“Ordenação e conflito: a imagem da república livre nos Discursos de Maquiavel”

A ordenação de uma república refere-se às leis e instituições que emolduram a sua vida política. Para Maquiavel, a inexistência de ordenação em uma cidade é quase uma impossibilidade porque as pessoas, agindo por necessidade ou por escolha, agem mal quando guiadas por seu arbítrio, ocasionando a corrupção da república. As leis e ordenações, portanto, são constituintes da política, pois conformam os cidadãos a agirem em favor do público, criando vias ordinárias para a expressão dos humores em conflito na cidade. Tal conflito, por sua vez, também é constituinte da política porque, assim como a ordenação, ele também ocasiona a liberdade e as leis em seu favor, embora não possa ser completamente assimilado à ordenação. Logo, a compreensão da imagem da república livre depende de pensarmos a articulação entre esses elementos diversos da política, a ordenação e os desejos em conflito.

Vinícius Vinagre Pantoja (UFPA)

Co-autoria: Nicolle Ferreira Silva

Orientação: Jonathan Molinari

E-mail: yinnagre@gmail.com

“A “natureza indefinida” no “Discurso sobre a dignidade do homem” de Giovanni Pico, e suas ferramentas produtoras de sentido: Filosofia e Magia”

A intenção deste ensaio é a de apresentar uma interpretação que obtemos após ler “Discurso sobre a dignidade do homem”, obra do filósofo Giovanni Pico della Mirandola, acerca da “natureza indefinida” do homem e sua implicação ontológica na legislação de tudo que é.

A obra divina é preenchida de significação pela mediação cabida ao homem dos mundos terreno e celeste. Eis o motivo da necessidade da criação divina de um ser capaz de contemplar o mundo. A Filosofia e a magia estão intrinsecamente

ligadas a essa nossa responsabilidade, é através delas que somos capazes de percorrer o caminho à verdade.

O ensaio é dividido em duas partes: A primeira onde falamos sobre a indefinição humana e a responsabilidade que acarreta ao homem devido a esta liberdade de ser; a segunda parte trata dos meios para o cumprimento dessa responsabilidade, sendo eles a Filosofia e a Magia

Vinícius Souza Palheta Dos Santos (UEPA)

Orientação: Maria Lúcia Gomes Figueira de Melo

E-mail: vinyhsantos0063@gmail.com

“A Concepção de Morus Sobre Utopia: Impossibilidades e Vitalidades na Sociedade Atual”

Este trabalho é resultando de uma pesquisa teórico-bibliográfica, analisa a concepção da obra de Thomas Morus escrita em latim por volta de 1516, onde o termo “utopia foi utilizado por diversos pensadores, explicando nela, sua ideia de sociedade perfeita. Embora adotada no significado de civilização ideal, porém imaginária, a Utopia se designa a uma total compreensão real do mundo, analisando-o, desde os tempos antigos até a contemporaneidade. Buscando compreender o legado deixado por Morus através dos escritos lidos e analisados por diversos pensadores de várias épocas, busca-se uma abrangência do texto para desenvolver uma leitura de seu pensamento, destacam-se os pontos principais de sua filosofia que envolve no contexto da obra.

MESA 27 – HEGEL I
(10:00 - 12:00) – sala 111

Coordenador(a): Lucas Nascimento Machado (Doutorando)

Vitor Lucas Cordovil dos Santos (UEPA)

Orientação: Manoel Ribeiro de Moraes Junior

Financiamento: Monitor

E-mail: vitorlucas1616@gmail.com

“O processo de produção do conhecimento dialético em Hegel”

O trabalho objetiva discutir criticamente o processo de produção epistemológica da filosofia dialética em Hegel. A construção deste projeto se baseou em uma pesquisa através da qual apropriou-se das teses e ideias essenciais da Teoria Dialética formulada pelo filósofo, os quais revolucionaram a maneira de se ver a filosofia nesta área de estudo. O grande avanço hegeliano diz respeito às novas conceituações sobre o objetivo final da Filosofia, o que abalaram fundamentalmente os alicerces desta sapiência até então conhecida. A pesquisa pretende contribuir para o aprofundamento do debate sobre a sua nova concepção metodológica da construção do conhecimento filosófico e compreender o rompimento que este fez com a metodologia tradicional estática e de descoberta do fato filosófico enquanto fenômeno já dado, o que foi revolucionado pela nova concepção de filosofia em Georg Hegel.

Rafael de Melo Ferreira (UNESP-Marília)

Orientação: Dr. Ricardo Pereira Tassinari

E-mail: rafaelmmf1@gmail.com

“No princípio criou Deus...” - Uma análise hegeliana da criação”

Hegel descreve o desenvolvimento do conceito: o progredir, diferenciado e idêntico em si mesmo, que encerra em si a plenitude e tudo cria. A consciência deste desenvolvimento é, na religião cristã, representação do absoluto. Como está escrito "Pois nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis [...] Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele". Em outro texto vemos: "No princípio criou Deus os céus e a terra"; e etc. É meu objetivo, aqui, explanar, dentro das possibilidades, a lógica hegeliana do conceito, no primeiro volume da Enciclopédia das Ciências Filosóficas. A fim de que possamos, compreender, mais detalhadamente, o movimento dialético dentro do sistema lógico-filosófico de Hegel e seu olhar acerca do entendimento cristão da criação.

Kaique Silva (UFU)

Orientação: Jakob Schnieder

E-mail: kaiqueags2222@gmail.com

“Por que o indivíduo não se reconhece livre na República Federativa do Brasil: moralidade e eticidade, isso existe Hegel?”

Diante de dois dos muitos entraves que anulam a essencialidade de cada ser, insurge-nos a presente indagação: moralidade e eticidade, de fato, existem? Os dois entraves que se efetivaram – negativamente – na práxis do indivíduo, são: o desejo incondicional em obter e possuir sempre mais coisas abstratas. Tal vontade só se mantém porque moralmente, segundo Hegel, cada ser humano que escolhe abdicar da sua consciência sociopolítica, o faz somente em prol dos seus anseios particulares. Esse desejo incide diretamente no segundo entrave que se apresenta como uma realidade sem ética, logo, a singularidade de cada membro é reprogramada para desejar o ilícito (*unrecht*).

Contudo, para reverter essa condição anacrônica dos brasileiros, e auxilia-los no processo de afecção sobre a liberdade plena em ser, ser humano, tornar-se-á realidade somente com uma insurreição social, cultural e política.

Iago Orlandi Gazola (UNESP-Marília)

Orientação: Ricardo Pereira Tassinari

E-mail: iago_gazola@hotmail.com

“A teleologia que reina na história segundo Hegel”

Se a história é racional, como afirma Hegel, ela é compreensível mediante um princípio que lhe dá inteligibilidade. Senão, reinaria nela a contingência. Para ele, tal princípio é o espírito. A história é o âmbito de sua exteriorização, seu desenvolvimento efetivo. Mas que ele seja entendido apenas como princípio não é suficiente. Hegel fala de um tólos que se revela na história. Como deve ele ser compreendido? Está ele já preconcebido antes do seu desenrolar, como se ela fosse o caminho até ele, o que implicaria num determinismo? Ora, de acordo com uma tal teleologia, que condiciona a história a uma finalidade alheia à imanência do seu processo, seria impossível pensá-la como produto da liberdade, essencial ao espírito. Mas, se não é esse o caso e Hegel ainda fala de fim ao tratar do tema, como compreender a teleologia implicada aí? Em nossa exposição buscaremos responder a essa questão.

MESA 28 - LÓGICA
(10:00 - 12:00) – sala 100

Coordenador(a): Guilherme Messias Pereira Lima (Doutorando)

Fernando Tadeu Luz do Rosario Júnior (UFPA)

Orientação: Elizabeth de Assis Dias

E-mail: fernandor.jr@yahoo.com

“A concepção semântica de verdade de A. Tarski”

Temos como objetivo analisar a concepção semântica de verdade de Tarski, expressa no escrito de 44. Pretendemos mostrar como o autor elabora uma definição clara e precisa do conceito de verdade semântica e capaz de solucionar problemas como o surgimento da antinomia do mentiroso, na qual se afirma que a sentença declarada é, contraditoriamente, verdadeira e falsa. Ao realizar essa tarefa, Tarski torna o conceito de verdade mais preciso e de certa forma soluciona o problema de como se daria a correspondência entre os enunciados e os fatos que estava sem resolução desde Aristóteles que propôs tal correspondência. Tal situação fez com que Popper rejeitasse o conceito de verdade de sua Lógica e só passasse a adotá-lo após a solução semântica de Tarski, que reabilitou seu uso.

Daniel Credico de Coimbra (UNICAMP)

Orientação: Marco Antonio Caron Ruffino

E-mail: dan.c.coimbra@gmail.com

“Construção de Modelos Explanatórios em Filosofia”

Nas ciências empíricas, parece frutífero que desenvolvedores de um certo modelo não se dissuadam por seus defeitos medianos. Em primeira vista, não há razão pela qual o mesmo não deveria ser o caso na construção de modelos em filosofia. Em toda empreitada investigativa, o sucesso de uma linha de pesquisa pode tornar-se claro apenas em sua maturidade. Assim, é útil um critério para avaliar o quão promissor é um modelo por ora defeituoso. Argumento que considerações explanatórias constituem tal critério, e que o poder explanatório de um modelo pode compensar, até certo ponto, que ele tenha contra-exemplos ou postulados e consequências aparentemente absurdos. Como poucas teorias filosóficas conseguem evitar estes problemas, mas muitas possuem forte poder explanatório, levá-lo em conta amplia nossa capacidade de justificá-las. Ao menos caso poder explanatório seja indicativo de verdade.

Judah Nahum Mendonça da Silva (UFAM)

Orientação: André Nascimento Pontes

Financiamento: Bolsa UFAM

E-mail: judahnahum@gmail.com

“Tipos de Justificação”

A presente comunicação tem por objetivo apresentar as diferenças entre a justificação epistêmica e outros tipos de justificação não-epistêmicas. Além disso, pretendo abordar o que torna a justificação epistêmica tão especial em relação aos outros tipos de justificação, como a justificação pragmática, pós-factual ou moral. Por ser o único tipo de justificação, segundo a maioria dos epistemólogos (como Noah Lemos e Dan O'Brien), que conduz ao conhecimento.

Davi Heckert Cesar Bastos (UNICAMP)

Orientação: Lucas Angioni

Financiamento: CNPq - FAPESP

E-mail: davihcbastos@yahoo.com.br

“A Teoria de Causação de J. L. Mackie”

Nesta apresentação exponho e discuto algumas características da proposta de uma teoria acerca da causação do filósofo J. L. Mackie (1917-1981). Apresentarei a teoria causal de Mackie em dois momentos: (i) enquanto uma teoria regularista de causação, expondo sua noção de condição INUS (a saber, que a causa é uma “Insufficient but Necessary part of a condition which is itself Unnecessary but Sufficient for the effect”) e (ii) enquanto uma teoria triádica de causação com a inclusão da noção de campo causal como um terceiro relata causal – deixando de ser uma teoria puramente regularista.

MESA 29 – KARL MARX II
(16:00 - 18:00) – sala 1035

Coordenador(a): Leonardo André Paes Müller (Pós-doutorando)

Fabiana Carolina Dias (UFPA)

Orientação: Pedro Paulo da Costa Corôa

E-mail: fabianadias1313@gmail.com

“A ideia de unidade da humanidade em Kant e Marx”

Nossa intenção é mostrar como, de um ponto de vista filosófico, podemos aproximar as visões de homem e de Humanidade em Kant e em Karl Marx, levando em conta, principalmente a perspectiva finalística com a qual ambos concebem sua filosofia da História. Nesses dois pensadores temos a ideia de que a história humana e seus progressos são decorrentes de conflitos entre os homens. No caso de Kant, reconhecemos isso na ideia de “insociável sociabilidade” que, no fim, a de nos levar a uma sociedade cosmopolita. Em Marx temos o conceito de “luta de classes” que provoca efeito análogo. A diferença é que me Kant a abordagem é moral-política enquanto que para Marx a base de toda transformação é econômica, e só depois mora-política. Os textos de base para nosso propósito são A ideia de de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita, de Kant, e o Manifesto comunista, de Marx.

Thessa Guimarães (UnB)

Orientação: Gilberto Tedeia

E-mail: thessaguimaraes@gmail.com

“A crítica de Marx à dialética hegeliana para pensar a ação política”

Este trabalho visa explorar a temática da crítica marxiana ao dito “invólucro místico” da dialética hegeliana com apoio do posfácio à segunda edição de O Capital (1873). Apesar de jamais ter escrito o texto sobre dialética que prometera a Engels, em carta a Engels, Marx teria comentado, a respeito de Ciência da Lógica, que se houvesse tempo para mais trabalhos, teria prazer em “tornar acessível ao entendimento humano comum o racional no método que Hegel descobriu e em seguida mistificou”. Procurando acompanhar a Dialética do Avesso, de Jorge Grespan (2003), investigo alguns elementos da crítica de Marx a Hegel que auxiliam à compreensão da natureza da ação política revolucionária.

Bruno Belém (FFLCH | USP)

Orientação: Vladimir Pinheiro Safatle

E-mail: bruno.belem@usp.br

“Acerca do revolucionarismo de Marx e do reformismo de Keynes”

A crise econômica de 2008 e as grandes manifestações ao redor do mundo trouxeram um renovado interesse pelas reflexões de Karl Marx e John Maynard Keynes. Tal resgate – que vem privilegiando sobretudo suas análises econômicas –, porém, é notadamente marcado de certo ceticismo quanto a seus modelos de intervenção. Nesta comunicação, trata-se de realizar um balanço das enunciações propositivas de Marx e Keynes a partir do exame individual e comparativo de seus fundamentos, de forma a identificar e qualificar tanto suas dificuldades construtivas – constantemente às voltas com a filosofia política e a epistemologia – quanto o que, por ventura, possa fornecer esteio às atuações da esquerda frente ao processo de reprodução material da vida no capitalismo.

Maria Clara Rodrigues Rocha (UnB)

Orientação: Gilberto Tedéia

E-mail: mariaclararrocha1411@gmail.com

“Lenin contra o sindicalismo reformista – entre “Por onde começar?” e “Que fazer?””

A comunicação toma como objeto o texto *Que Fazer?*, de Lenin, e como objetivo apresentar diretrizes postas pelo autor para a conversão da teoria em prática revolucionária organizada, livre do engessamento que, segundo essa leitura, tornaria a revolução algo distante. Lenin, valendo-se das ideias de Marx quando às voltas com os desafios do movimento operário de seu tempo, trabalharia nessa obra um conjunto de temas e teses que seriam um ensaio geral, como afirmaria o autor posteriormente, da Revolução de Outubro de 1917. O recorte a que nos propomos hoje é mostrar como a obra consiste numa resposta a um momento histórico circunscrito às voltas com “sindicalismo reformista”, tema já trabalhado em um artigo de maio de 1901, *Por onde começar?*, e nossa comunicação buscará os nexos entre ambos os textos.

Pedro Barbosa (PUC-SP)

Orientação: Marcio Pugliesi

E-mail: pe.gava@hotmail.com

“Marxismo e direito: Estado, ideologia e forma jurídica no pensamento de E. B. Pachukanis”

Esta pesquisa debruçou-se sobre a obra “A teoria geral do direito e o marxismo” (1924), do teórico do direito Evguiéni B. Pachukanis. Após a revolução russa, Pachukanis chegou a cumprir diversas funções importantes na nova organização da sociedade: foi membro do Partido Comunista da URSS e da “Academia Socialista” – seção de “Teoria do Estado e do Direito”; foi “juiz popular” no Comitê Militar Revolucionário e chegou a exercer a função de vice-comissário da Justiça. Na obra analisada, Pachukanis busca estabelecer os marcos centrais para uma análise marxista do direito, que deve ser feita através da crítica dos conceitos jurídicos fundamentais da teoria geral do direito. A partir de seu estudo, Pachukanis pôde desvendar a natureza burguesa do direito e, conseqüentemente, formular a tese sobre seu fim. Buscamos investigar como Pachukanis compreende o Estado, a ideologia e a forma jurídica.

MESA 30 – POLÍTICA, RELIGIÃO E CULTURA

(16:00 - 18:00) – sala 119

Coordenador(a): Vinícius de Oliveira Prado (Mestrando)

Luciano Moreira de Oliveira (Mackenzie)

Orientação: Roger Fernandes Campato

Financiamento: Mackenzie/Santander

E-mail: afroluo@hotmail.com

“As origens do nacionalismo alemão segundo Isaiah Berlin”

Este artigo tem por objetivo discutir, por meio do estudo de ensaios do filósofo Isaiah Berlin, o nacionalismo alemão, tal como sistematizado pelo filósofo Johann Gottlieb Fichte na Alemanha dos séculos XVIII e XIX. Com base em Fichte, Berlin defende a ideia de que o nacionalismo alemão deve ser entendido, sobretudo, como uma reação contra a cultura francesa em solo germânico. É justamente a partir deste pano de fundo que Berlin propõe o início do nacionalismo alemão. Para este propósito nacionalista, Fichte elabora quatorze discursos denominados como Discursos à Nação Alemã que propõe uma mudança cultural na mentalidade germânica para colocar a Alemanha no lugar que sempre deveria ocupar. A solução que o filósofo encontra é uma remodelagem na educação dos jovens. A educação proposta por Fichte pretende infundir no jovem o antigo orgulho alemão que fora abandonado e esquecido pelos próprios alemães. Portanto, por meio da interpretação proposta por Berlin, verificaremos os fundamentos dos quatorze discursos que propiciaram o nacionalismo alemão.

Pedro Henrique Ciucci da Silva (PUC-SP)

Orientação: Professora Sonia Ferrari

Financiamento: Capes

E-mail: pedrociucci@yahoo.com.br

“Ética Humanista contra Ética Autoritária”

Se não abandonarmos, como faz o relativismo ético, a procura de normas de conduta objetivamente válidas, quais os critérios que poderemos achar para elas? A espécie de critérios dependerá do tipo de sistema ético cujas normas estudaremos. Por força, os critérios da ética humanista. Na ética autoritária, uma autoridade enuncia o que é bom para o homem e promulga as leis e normas de conduta, na ética humanista, o próprio homem é que fixa as normas e a elas se sujeita, sendo ao mesmo tempo sua fonte formal ou órgão regulador e seu tema.

O emprego da palavra “autoritário” torna necessário esclarecer o conceito de autoridade. Existe tanta confusão em torno deste porque geralmente se crê que nós achamos confrontados com a alternativa de ter uma autoridade ditatorial e irracional ou não ter autoridade alguma.

Danilo Augusto de Oliveira Costa (FFLCH/USP)

Orientação: Homero Santiago

Financiamento: USP

E-mail: daniloaocos@gmail.com

“A concepção de capitalismo em Deleuze e Gutarri”

Trata-se de apresentar uma leitura do livro de O Anti-Édipo de Deleuze e Guattari que priorize o diagnóstico que eles fazem do sistema capitalista. A partir deste ponto de vista, a exposição passará por três momentos: a exposição metodológica da diferença de regime entre produção social e produção desejante, bem como sua potencialidade crítica aos sistemas de dominação, incluindo os anteriores ao sistema pré-capitalista; a exposição da diferença entre as máquinas sociais e o modo como elas permitem entender melhor a máquina capitalista; por fim, a exposição genealógica, estrutural e tendencial da máquina capitalista.

Joézer Carvalho de Castro (UFG)

Orientação: Helena Esser dos Reis

Financiamento: CNPq

E-mail: joezerdecastro@gmail.com

“Religião e Política no pensamento de Rousseau”

Nascido em um lar calvinista, com passagens pelo catolicismo, por necessidade, em vista de suas condições, Rousseau muito escreveu a respeito de religião, principalmente quanto à sua relação e importância para a moral e a política. O presente artigo se propõe a investigar a forma como Rousseau concebe a ideia de Religião. Para isso, é preciso examinar o contexto em que o autor está inserido. Além disso, quais as suas principais críticas? e a quem se dirigem? De onde o autor recebe influência para suas ideias? Qual a importância de seu pensamento a respeito da religião para as questões morais e políticas? Acreditamos que compreender essas questões que foram formuladas em um contexto de tamanha agitação, pode ajudar a compreender também as questões atuais que se colocam a respeito da relação entre religião e política.

Natália Pereira Ribeiro da silva (UFSCar)

Orientação: Monica Loyola Stival

Financiamento: FAPESP

E-mail: ser.naty@hotmail.com

“Nova abordagem do conceito de hegemonia visando um modelo agonístico de democracia radical”

A pensadora política Chantal Mouffe desenvolve sua teoria afirmando o antagonismo e o conflito como categorias centrais e essenciais do político, enfatizando deste modo a importância do dissenso como elemento fundamental da democracia. Mouffe nos direciona em suas obras à reflexão do que seria um modelo agonístico de democracia radical, onde o pluralismo político, a cidadania e o dissenso estabelecem os elementos essenciais para constituição dessa sociedade. Os pensamentos de Chantal Mouffe se apoiam em sua leitura de Carl Schmitt, desenvolvendo a partir deste uma crítica ao individualismo liberal e a uma perspectiva racionalista do político, para então enfatizar o caráter “agonístico” da disputa política e enunciar as razões pelas quais o consenso não pode ser o fim último de uma política democrática.

Marina Costa Quaresma (UFPA)

Orientação: João Batista

E-mail: marinamathers@icloud.com

“A fundamentalidade da vagabundagem na sociedade precária da filosofia”

O artigo enfatiza o valor da vagabundagem na vida do indivíduo. Dividindo-se em cinco tópicos: o primeiro reúne atributos do ser vagabundo, exibindo estudos do sociólogo Domenico de Masi e exemplificando esse modo de vida citando artistas da literatura e da música. O segundo tópico, busca mostrar a ligação da filosofia com a vagabundagem citando reflexões do Nietzsche, Aristóteles e Rousseau. No terceiro tópico é discutido como a supervalorização do trabalho, no sistema capitalista principalmente, é prejudicial à vida; usando argumentos dos teóricos Paul Lafargue e Karl Marx. Em um quarto tópico, busca-se o que seria o trabalho, na sua essência, para um equilíbrio das duas atividades. Por fim, no último tópico, podemos encontrar defesas da liberdade humana, opondo-se ao Estado e a moral presente na sociedade atual, citando Mikhail Bakunin, Stirner e Proudhon.

Robson Farias Gomes (UFPA)

Orientação: Jovelina Maria Ramos de Souza

E-mail: robsongomes_15@hotmail.com

“Das paixões do tirano no livro IX d’A República de Platão”

O presente estudo pretende analisar, no livro IX da República de Platão, as paixões que movem a alma do homem tirano, no sentido de mostrar que nele habitam ordens distintas de desejos e prazeres que o levam a se mostrar, seja como um enamorado seja como um rancoroso (573c-d). Suas afecções flutuam constantemente, levando-o a agir intempestivamente, o que o faz ser reconhecido como injusto e desleal (576a), pois quanto mais sua natureza se encontra distante da razão tanto mais ele se encontra distanciado da lei e da ordem. O excesso de liberdade que cultiva, culmina no desequilíbrio de sua alma, levando-o a agir insensatamente, quer no público quer no privado.

MESA 31 – HEGEL II
(16:00 - 18:00) – sala 104-B

Coordenadora: Renata Inarah Guerra Santos (Doutoranda)

Adriano Carneiro (FFLCH-USP)

Orientação: Luiz Sérgio Repa

Financiamento: CNPq

E-mail: adriano.carvalho1@gmail.com

“Desejo e reconhecimento na Fenomenologia do Espírito de Hegel”

Trata-se de investigar os conceitos de desejo e reconhecimento, tal como abordados na Fenomenologia do Espírito (quarto capítulo, apresentação e seção A: Independência e Dependência da consciência de si: Dominação e Servidão) de Hegel, à luz da metodologia assumida pelo autor na elaboração da obra. Entende-se que a metodologia interna à obra segue uma progressão necessária, as figuras da consciência passando de umas às outras de forma determinada, numa ordem que estabelece conexão entre os conteúdos. Essa conexão implica uma concepção sobre os próprios conteúdos. Dito isso, a pesquisa se exerce no sentido de, seguindo a metodologia apropriada, investigar quais seriam as implicações desta para a concepção oferecida na obra acerca da consciência de si, particularmente pela relação que esta termina por apresentar com o desejo, o reconhecimento e a intersubjetividade.

Marcus Vinicius da Conceição Felizardo (FFLCH | USP)

Orientação: Vladimir Pinheiro Safatle

Financiamento: PUB | USP

E-mail: marcus.felizardo@gmail.com

“Alguns aspectos da lógica do reconhecimento na Fenomenologia do Espírito”

Trata-se de investigar a concepção hegeliana de reconhecimento, a partir daquela que, para nós, é sua formulação mais acabada, a saber, a presente na Fenomenologia do Espírito. Tal obra não é o primeiro momento em que Hegel aborda a questão, pois em seus trabalhos de juventude essa ideia já era discutida, mas o modelo de reconhecimento presente na Fenomenologia possui certas peculiaridades, as quais tentaremos evidenciar, e que o tornam singular, principalmente porque nela o filósofo articula o reconhecimento com o conceito de desejo. Assim, é necessário observar como as duas noções atuam em conjunto,

inclusive na produção de processos de dominação que demonstram o descompasso existente entre a lógica do reconhecimento e a sua efetividade.

Lucas Batista Axt (UFPR)

Orientação: Paulo Vieira Neto

E-mail: axt.lucas@gmail.com

“História e reconhecimento na Fenomenologia do Espírito”

O conceito hegeliano de reconhecimento é comumente abordado a partir da figura da “luta por reconhecimento” entre duas consciências, apresentada no cap. IV da Fenomenologia do Espírito. Nosso intuito neste trabalho é abordar tal conceito a partir do cap. VI, “O espírito”, tendo em vista uma melhor compreensão do seu alcance dentro da obra. Entendemos que as figuras históricas que vão da Grécia antiga à Europa moderna apresentadas neste capítulo (“mundos”, como diz Hegel, enfatizando justamente a mudança de registro que ocorre na passagem da consciência ao espírito), constituem uma “atualização” daquele conflito por reconhecimento. Nesse sentido, procuraremos mostrar como aquelas posições da consciência encarnarão papéis social e historicamente determinados. Para isso nos deteremos com maior atenção nas figuras da “lei da família” e “lei da cidade” no contexto da análise da polis grega.

MESA 32 – FILOSOFIA E LINGUAGEM

(16:00 - 18:00) – sala 2073

Coordenador(a): Luiz Felipe Bruder González (Mestrando)

Nina Auras (FFLCH | USP)

Orientação: Marco Aurélio Werle

Financiamento: PUB | USP

E-mail: nina.almeida@usp.br

“Espírito e Linguagem em Hegel”

Embora tema latente no decorrer de toda a obra hegeliana, a linguagem aparece mais explicitamente no terceiro volume da Enciclopédia das Ciências Filosóficas. A pesquisa busca analisar seu papel no desenvolvimento da inteligência rumo ao conhecimento e na implementação objetiva, em especial no cerne do espírito subjetivo, e como aquilo que realiza a liberdade sem limites.

Lucas Bittencourt Vasconcellos (FFLCH | USP)

Orientação: Silvana de Souza Ramos

Financiamento: USP

E-mail: lucas.bittencourt.vasconcellos@usp.br

“O ser e o estar da linguagem”

No presente trabalho, pretende-se compreender como, em *As palavras e as coisas*, Foucault formula o ser da linguagem enquanto um problema moderno. Desse modo, reconstituir-se-á, primeiro, a transformação da linguagem em objeto que se perpetra no limiar inaugural da *epistémê* moderna. Em seguida mostrar-se-á como a própria positividade da linguagem implica que ela se ligue à analítica da finitude pela exigência filológica fundamental daquele que fala. E, por fim, tentar-se-á esclarecer como a transformação da linguagem em objeto não dá lugar a essa interpretação antropológica sem tornar possível ao mesmo tempo uma leitura capaz de interferir no campo de relações que esta abre e desarticulá-las.

Matheus Colares do Nascimento (UFPA)

Orientação: Roberto de Almeida Pereira de Barros

E-mail: matheuscolares12@gmail.com

“Uma análise ética dos limites do sentido no Tr. de Wittgenstein”

O objetivo deste trabalho é o de tratar dos desdobramentos éticos com respeito à tarefa legada à filosofia no Tractatus. Tais desdobramentos têm origem em alguns pontos da argumentação esboçados nessa obra de Wittgenstein acerca da possibilidade da expressão de sentido. Ao estabelecer que proposições, para serem consideradas como tais, devam estar submetidas a condições de verdade, infere-se daí que proposições filosóficas devem ser excluídas desse âmbito por tentarem mobilizar conceitos formais. A partir disso, a filosofia herda a tarefa de crítica da linguagem. Segundo argumentaremos, a consequência ética de tal conclusão para a filosofia será a de que qualquer fuga a tal incumbência configurar-se-á como uma atitude anti-ética por parte do filósofo, arriscando-se a gerar novos problemas filosóficos insolúveis.

Israel Henrique Cavalcante Mendonça (UFPA)

Orientação: Antonio Sergio Nunes

E-mail: h.israelufpa@gmail.com

“Bakhtin e Cassirer um contra ponto na teoria do signo”

Considerando os pressupostos teóricos de Ernst Cassirer tem sua concepção de construção do signo na linguagem em que se pode observar o delineamento deste a partir de um eu que em contato com o mundo material em que se recria estes signos em variadas estancias da existência humana e a de Mikhail Bakhtin em sua concepção polifonica de linguagem que pode ser observado a construção coletiva destes signos nosso objeto de estudo visa estabelecer um contraponto entre as duas concepções idealistas na construção destes signos tentando observar conceitualmente as implicações reflexões e consequências destas na construção do signo.

MESA 33 – FILOSOFIA E PSICANÁLISE

(16:00 - 18:00) – sala 1037

Coordenador(a): Luis Fernando Catelan Encinas (Doutorando)

Izabela Loner Santana (UFABC)

Orientação: Suze de Oliveira Piza

Financiamento: CNPq

E-mail: izabelalonersantana@gmail.com

“A dialética do desejo: uma apropriação da dialética hegeliana”

A reintrodução da filosofia hegeliana na França dos anos 30 foi realizada pelas aulas de Kojève na École Pratique des Hautes Études de Paris. Com este, o idealismo de Hegel será lido enquanto uma filosofia concreta, que transforma o processo de aparecimento da consciência-de-si em processo de constituição do indivíduo humano, livre e histórico. Assim, não se tem mais o sujeito enunciador do discurso filosófico, mas sim o sujeito humano em seu processo de constituição. Na esteira deste alargamento teórico, Lacan insere-se buscando a refundação da psicanálise freudiana sob o paradigma da intersubjetividade e a primazia do desejo. Isto posto, a comunicação terá como objetivo explicitar o transfiguração da dialética entre os autores, de forma que seja possível compreender como o idealismo hegeliano pôde contribuir para a teoria e clínica psicanalítica.

Reginaldo Antonio Cardoso de Lima (UNICAMP)

Orientação: Daniel Omar Perez

Financiamento: PIBIC - CNPq

E-mail: meacreginaldo@gmail.com

“Parricídio originário e metapsicologia”

O presente trabalho tem por objetivo compreender o estatuto do mito científico do parricídio originário em Totem e tabu (1913). Este mito é incontornável na epistemologia freudiana, pois responde à filogênese da consciência moral que, por sua vez, fundamenta a tendência filogenética. Esta tendência servirá, por exemplo, em A dissolução do Complexo de Édipo (1924) como aquilo que garante que cada a criança atrevesse o complexo de Édipo. Para atingir tal objetivo, demonstraremos que, segundo Loparic (2001), o mito ocupa um papel fundamental na metapsicologia freudiana como elo teórico faltante, isto é, tratar-se-ia de uma ficção heurística que, ainda que se fundamente em um como se, tenha um carácter ficcional, mítico, seu apoio – consequentemente da

metapsicologia - estará na experiência clínica e seu objetivo principal é o efeito clínico no tratamento das neuroses.

Samia Souen Tortorella (UNICAMP)

Orientação: Daniel Omar Perez

E-mail: samiasouen@gmail.com

“O Estranhamento à luz da Identificação: reflexões de Filosofia, Psicanálise e Literatura”

Esta pesquisa possui o intuito de estudar o funcionamento do estranhamento no contexto da identificação a partir da filosofia no seu cruzamento com a psicanálise e também com a literatura. Nesse sentido, trabalharemos como eixo fundamental uma articulação do Unheimliche freudiano (principalmente a partir do texto *Das Unheimliche*, publicado em 1919); de reflexões lacanianas sobre o Real, a angústia, as cadeias significantes, entre outros conceitos desse autor; e da escrita literária a qual permita uma abertura para a ponderação do estranhamento relativo ao próprio eu e de como isso atua na identificação pessoal (sobretudo partindo da ideia do duplo e da figura do espelho), desde Jorge Luis Borges a Dostoiévski e Machado de Assis. Além disso, estaremos sempre agregando debates de pesquisas atuais de psicanalistas e de filósofos que considerarmos relevantes ao tema.

Gabriel Rodrigues de Araujo (FFLCH | USP)

Orientação: Maria Lucia Cacciola

Financiamento: Cnpq

E-mail: araujogabriel.gr@gmail.com

“O papel da memória na histeria: da representação ao incognoscível”

Ao longo dos primeiros escritos freudianos sobre a origem da histeria, uma importante característica se destaca em seus pacientes: ausência de recordação das primeiras manifestações sintomáticas. Diversas são as hipóteses formuladas nesse período para sanar a questão: o método hipnótico, em parceria com Breuer; o método catártico; o método interpretativo. Cada hipótese abriga um conjunto de conceitos que visa explicar o esquecimento dos pacientes e sua relação com suas próprias sintomatologias, relação fundamental para delinear o conceito de histeria. Procurarei demonstrar como o acesso às memórias perdidas podem desvelar não somente um conteúdo patogênico mas também uma trama na qual o sujeito neurótico está intrinsecamente inserido, conferindo à memória um papel central nos primórdios da psicanálise freudiana.

18h30 – CONFERÊNCIAS

Lorenzo Mammì (DF | FFLCH | USP):

“A noção da experiência na arte contemporânea”

Taisa Helena Pascale Palhares (DF | IFCH | UNICAMP):

“Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman: estética e política das imagens”

Ricardo Nascimento Fabbrini (DF | FFLCH | USP):

“Estética e política, hoje”

SEXTA-FEIRA 27/04

**MESA 34 – FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO E
HERMENÊUTICA**

(10:00 - 12:00) – sala 106-B

Coordenador(a): Rafael Barros de Oliveira (Mestrando)

Renzo Mascote de Andrade (UEPA)

Orientação: Manoel Ribeiro de Moraes Júnior

Financiamento: CNPQ

E-mail: renzoandrade8@hotmail.com

“O Sentido do Ser e o Salto Para Uma Vida Autêntica em Martin Heidegger”

Este trabalho analisa a concepção heideggeriana acerca da existência, tratando do sentido do ser, resultando de uma pesquisa teórico-bibliográfica. A problemática da busca de sentido apresenta-se num dasein envolvido num mundo enigmático, com uma existência sem seguros, dotada de possibilidades indetermináveis (sentido e existência). Não há passagens contínuas compostas de certas características, somente o chamado “salto” entre existências inautêntica e autêntica. Vê-se no dasein um ser ativo, social, finito e ontológico, o qual frente ao mundo contemporâneo ameaça perder até a possibilidade em contemplar o “declínio espiritual da terra”, originando uma superficialização do sentido.

Mariana Marcelino Silva Alvares (UESC)

Orientação: Carlos Roberto Guimarães

E-mail: maarimaarcelino@hotmail.com

“A angústia em Heidegger: da perspectiva existencial para a ontológica”

No presente trabalho propomos apresentar o modo como Heidegger trata o conceito de angústia em sua aula inaugural *Que é Metafísica?*, enfatizando a relação entre o despertar da angústia e a revelação do ser. Ao mesmo tempo, propomos confrontar o tratamento do conceito de angústia na preleção e aquele que Heidegger dá ao conceito em sua obra *Ser e Tempo*. Com efeito, em sua preleção Heidegger apresenta a angústia como uma manifestação do nada, na qual ocorre a revelação do ente enquanto tal para o ser-aí. Por outro lado, no § 40 de *Ser e Tempo* Heidegger apresenta a angústia como a disposição que retira o

ser-aí da de-cadência e o singulariza, ou seja, o coloca diante de si mesmo. Com isso, mostraremos os desdobramentos do conceito de angústia, desde a abordagem mais existencial do tratado maior até a perspectiva mais ontológica da preleção.

Izabella Corrêa Magalhães Coutinho (UFSJ)

Orientação: Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro

E-mail: izabellacorrea.qds@gmail.com

“O jogo da temporalidade: filosofia e experiência interpretativa a partir de Martin Heidegger”

Através da análise do fenômeno do jogo em seu sentido original e significativo, procuramos compreender a experiência hermenêutica própria do humano, experiência a que pertence o filosofar. Apoiados no pensamento de M. Heidegger, J. Huizinga e H.G. Gadamer, objetivamos investigar a relação entre o fenômeno do tempo e o da experiência hermenêutica. No jogo do tempo, descrito na obra *Ser e Tempo* (1927), no qual passado, presente, futuro são pensados em uma unidade originária, dá-se a experiência interpretativa em que o jogador joga e é jogado na direção de si mesmo, compreende e pode compreender-se, se apropriando e tornando a criar mundo. Mundo que se deixa e faz ver na força poética e criadora da linguagem. Através do elemento lúdico, portanto, abrem-se outras perspectivas de compreensão da temporalidade original, o que nos acena para o caminho de uma experiência filosófica.

José Henrique Fonseca Franco (UFSJ)

Orientação: Glória Maria Ferreira Ribeiro

E-mail: jhffeletrica@hotmail.com

“O Começo da Filosofia Admiração e Angústia”

O homem ocupa uma posição única e singular no mundo que é de ser o ente, para qual todos os entes estão presentes, este fato combinado com a experiência poético-pensante levada a cabo pelos gregos está na gênese da filosofia. O presente artigo tem por objetivo examinar o fenômeno do espanto (*thaumazein*) que, para Platão e Aristóteles, daria origem ao fazer filosófico. Para isto é analisado o pensamento de Heidegger que revisita com profundidade essa experiência inaugural, que encontra fundamento na disposição fundamental da angústia, na qual o ser é pensado em sua manifestação no tempo e como tempo. No dar-se dessa manifestação, o ente se evade, e a familiaridade com a qual o homem costuma lidar com o cotidiano torna-se estranha. Na preleção “O que é a Metafísica”, de 1929, evidencia o quão importante é o caráter ontológico dessa experiência sem a qual a filosofia não seria possível.

Milene Dayana Paes Lobato (UEPA)

Orientação: Manoel Ribeiro de Moraes Junior

E-mail: milenedayana222@gmail.com

“Uma Análise Filosófica da Angústia em Soren Kierkegaard”

O trabalho corresponde ao aprofundamento da concepção de Angústia iniciada por Soren Kierkegaard, explanando a relação que esta tem com o desespero humano. Seu pensamento cristão sobre a existência, iniciada no mito da queda de Adão e Eva, fundamenta a origem da angústia e daquilo que provém dela, como a possibilidade da liberdade humana de fazer escolhas. O objeto problematizado pretende investigar seus pensamentos filosóficos que antecedem a angústia, como os três estágios da existência, a relação entre o tremor e o temor a Deus, as escolhas do homem e as determinações impostas ao ser humano. Sua análise profunda sobre a angústia e a existência reflete no homem contemporâneo e nos filósofos da corrente existencialista, mostrando a importância de retomarmos seu pensamento para uma melhor compreensão do indivíduo hodierna.

MESA 35 – NIETZSCHE E SCHOPENHAUER

(10:00 - 12:00) – sala 106-A

Coordenadora: Lara Pimentel Figueira Anastacio (Doutoranda)

Daniel Spósito Coelho (FFLCH | USP)

Orientação: Eduardo Brandão

E-mail: daniel.sposito.coelho@usp.br

“Um estudo do conceito de esquecimento em Nietzsche”

A concepção nietzschiana do fenômeno do esquecimento assume diferentes formulações em sua obra, por vezes até mesmo excludentes entre si. É desse modo que na *Genealogia da Moral* (1887) o esquecimento é pensado como uma força ativa primordial, em contraponto ao esquecimento como uma passividade (força inercial), tal como ele surge no *Sobre verdade e mentira* (1873), onde o esquecer designa justamente um desvanecer de coisas umas vez postas. Através de uma leitura comparativa das obras supracitadas, juntamente com o auxílio das considerações da *Segunda extemporânea* (1874), acompanharemos as diferentes formulações do conceito de esquecimento a fim de esclarecer seus papéis em cada contexto, adotando a hipótese de que a plurivocidade é uma idiossincrasia do trabalho conceitual do pensamento de Nietzsche como um todo.

Rodrigo de Oliveira Figueiredo (FFLCH | USP)

Orientação: Eduardo Brandão

Financiamento: FFLCH

E-mail: rodrigo.oliveira.figueiredo@usp.br

“Nietzsche e o erro do livre-arbítrio”

O objetivo é apresentar alguns dos aspectos da crítica nietzschiana à concepção da liberdade como livre-arbítrio. Tal concepção é duramente criticada por Nietzsche, que afirma, em *Crepúsculo dos ídolos*, ser o livre-arbítrio o “mais famigerado artifício de teólogos que há, com o objetivo de fazer a humanidade responsável no sentido deles”. Buscaremos, levando em consideração a investigação genealógica da moral e a crítica à metafísica operadas por Nietzsche, mostrar tanto a relação existente entre a doutrina da vontade livre com o “objetivo de punição” daqueles que têm o instinto de julgar, punir e promover culpa, como também analisaremos trechos da *Genealogia da Moral* em que Nietzsche comenta sobre a “sedução da linguagem” enquanto petrificadora do erro da razão de acreditar que todo atuar é determinado por um atuante.

Raquel Daiana Zielinski (UFMS)

Orientação: Telma Lessa da Fonseca

E-mail: radazi23@hotmail.com

“De onde surge a má consciência”

A autoconsciência pode privar o homem de sua liberdade, e não apenas a liberdade física. Se trata de uma briga interna do homem consigo mesmo, o animal instintivo que é aprisionado e agora dará lugar a uma “alma” consciente, sua capacidade de exteriorização de sentimentos, diminui à medida que surge esse animal domesticado e social, o que ocasionará o surgimento da “culpa”, e conseqüentemente a ideia de bem e mal. Quem direcionou a humanidade por esse caminho – segundo Nietzsche – foram os filósofos, mas já com a ideia da domesticação humana. A importância de se estudar Nietzsche e suas obras estão implícitas em uma de suas frases. “Pensar é mudar”: A serpente que não pode trocar de pele perece. O mesmo acontece com os espíritos aos quais se impede de mudar de opinião: deixam de ser espíritos.” (*Morgenrote*. Aforismo 573. apud LEBRUM. Gerard. PASSEIO AO LÉU. Ed. Brasiliense.1960. P.34).

Ramon Ordonhes (FFLCH | USP)

Orientação: Eduardo Brandão

E-mail: ramon.ordonhes@gmail.com

“Nietzsche: história e sentido histórico”

A questão que aqui se coloca é, em suma, o entendimento que Nietzsche desenvolve acerca da história e do sentido histórico. Isto, com efeito, será observado, de maneira diminuta, nos quatro primeiros parágrafos da Segunda consideração extemporânea (“Da utilidade e desvantagem da história para a vida”). O intuito do breve estudo é deflagrar a concepção que Nietzsche prepara acerca deste elemento tão caro à modernidade.

Lucas de Niemeyer Barreira Mancilha (USP-FFLCH)

Orientação: Eduardo Brandão

Financiamento: FNDE

E-mail: lucas.mancilha@usp.br

“A filosofia do mundo em Schopenhauer: entre representação e vontade”

O trabalho em questão busca desenvolver uma análise da filosofia schopenhaueriana a partir da investigação de suas duas esferas principais: a da representação e a da vontade. Em um primeiro e mais extenso plano nos debruçamos sobre a esfera de natureza epistemológica das representações, que se dividem em intuitivas e abstratas, com a finalidade de compreender o papel da

razão nesse esquema, verificando, por entre esse caminho, a orientação idealista do autor na abordagem do problema. Em seguida, passamos para o campo da vontade, em que a essência íntima do mundo se manifesta ininterruptamente e em contraposição com o prisma do mundo como representação. Assim, especialmente a partir de sua Magnum opus, procuramos montar um quadro capaz de delinear noções basilares que permeiam toda a filosofia do autor.

MESA 36 – FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

(10:00 - 12:00) – sala 107

Coordenador(a): Caio Eduardo Cunha Leitão (Mestrando)

Antonia Caroline Lopes da Silva (UFPA)

Co-autoria: Andrey Fonseca Andrade e Lucas Igreja Pereira

Orientação: Luís Eduardo Ramos de Souza

E-mail: carolinee1509@gmail.com

“A educação como formação moral em Kant”

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a concepção de educação na obra “Sobre a Pedagogia” (1803) de Immanuel Kant, no que diz respeito à relação desta com a moralidade. Mostraremos que na visão deste filósofo, a verdadeira finalidade da educação se concentra na moralização do homem. Assim, destacaremos a atualidade desta concepção que se contrapõe ao modelo educacional mecanicista vigente.

Angélica Martins da Silva (UFV)

Orientação: Edgar Pereira Coelho

E-mail: angelica.martins@ufv.br

“Paulo Freire: um novo pensamento Filosófico da Educação”

Ao longo dos anos surgiram diversas transformações na sociedade. Destaca-se que um ambiente que enfrentou mudanças é à educação. Um educador que contribuiu com suas ideias filosóficas sobre o ato de educar foi Paulo Freire, viabilizando com o seu legado uma maior autonomia do sujeito educando. O objetivo desta comunicação é apresentar contribuições do pensamento freiriano no âmbito filosófico da educação, partindo da concepção específica que apresenta o ato de educar como exercício de liberdade. Foram analisados materiais bibliográficos, sendo livros e artigos que abordam o legado deste pensador humanista moderno, partindo da pesquisa bibliográfica. O resultado firma um novo olhar filosófico, no qual a educação é a reflexão para a realidade existencial. Uma concepção que muda a situação na qual se encontram indivíduos que têm como meta transformar sua posição excludente na sociedade.

Shelda Alves Soares (UEPA)

Orientação: Regina Maneschy

E-mail: Sheldasoares28@gmail.com

“A Contribuição Filosófica-Educacional de Rousseau para uma formação cidadã”

Este trabalho objetiva explicitar as reflexões filosófico-educacionais de Jean-Jacques Rousseau, iniciando no século XVIII um novo modelo educacional; abarcando a relação de qual seria o verdadeiro papel da educação e o quão imprescindível ela é para a construção de uma sociedade justa, igualitária e livre mediante a virtude, a moralidade e a cidadania. Sua obra Emílio, ou Da Educação revela as premissas utilizadas: “O homem é bom; a sociedade o corrompe”, ou seja, seu ensino, com o exercício do corpo e alma mais as lições de experiências com a natureza, conservam a bondade natural do homem fortalecendo o aprendizado com a formação de ideias, ao propagar implicações evolutivas do valor do caráter. Assim, espero perscrutar tais subsídios acerca de debates, propostas e pensamentos sobre o modelo ideal de educação, que excederam seu tempo para a contemporaneidade.

Jessica Regina Sacramento Carvalho (UEPA)

Orientação: Regina Nery

E-mail: jessicarvalho.osz@gmail.com

“Escritos sobre a interferência estatal no ensino e na educação”

A proposta deste artigo é fazer uma análise crítica sobre a interferência do Estado na educação a partir da obra Educação: livre e obrigatória de Murray N. Rothbard, de maneira a demonstrar como o ideal da obrigatoriedade e uniformidade da educação está muito mais próximo do ideal de serventia ao Estado do que de promover liberdade e igualdade. Inicialmente, se propõe identificar em que momento da história humana surge a proposta de uma educação obrigatória provida pelo Estado. Posteriormente, voltando o olhar para o aluno enquanto indivíduo com um fim em si mesmo, procura-se entender porquê a proposta estatal para educação, seja qual for, se apresenta como uma política totalitária e quais seriam as possíveis alternativas à intervenção estatal a partir de uma diferenciação entre educação obrigatória e educação livre.

Angélica Santos da Costa (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

E-mail: angelicasantosdacosta@outlook.com

“Contribuições de Hannah Arendt acerca da educação”

O presente trabalho pretende analisar a concepção arendtiana de educação com o propósito de articulação com uma interpretação da crise no âmbito do mundo moderno. Para tanto, sabemos que para Arendt o sintoma mais significativo da crise moderna pode ser visualizado pelos seus desdobramentos em áreas pré-políticas, tais como a criação dos filhos e a educação. Conforme a autora, o maior obstáculo para compreender a crise na educação é o de não considerar sua origem, enquanto conectada a outras questões principais que caracterizam o século XX. Isso posto, nosso propósito é explicitar as contribuições de Arendt para pensarmos o conceito de educação na perspectiva do mundo moderno. Assim, avançaremos em direção a uma interpretação, na qual a teoria política de Arendt apresenta elementos novos no campo da Psicologia Escolar e Educacional.

Stéfany Lourenço de Sousa (UFSJ)

Orientação: José Luiz de Oliveira

Financiamento: FAPEMIG

E-mail: stefany_lourenco_sousa@hotmail.com

“A relação entre liberdade e direitos humanos no pensamento de Hannah Arendt”

Hannah Arendt elaborou em sua obra o caráter da novidade inerente ao fenômeno das Revoluções, nas quais estão relacionadas intrinsecamente ao conceito de liberdade, que consiste no exercício da ação política. Entretanto, para que os homens exerçam a liberdade política, precisam usufruir da libertação, ou seja, não estarem sujeitos a questões relativas à sobrevivência. A Declaração dos Direitos do Homem foi um dos desdobramentos da Revolução Francesa, centrada em um caráter universalista, que se demonstrou não acessível para todos; a pensadora aponta os apátridas e refugiados como uma das minorias que não possuíam acesso a esses direitos tão elementares, outrora considerados inalienáveis. Pretendemos investigar neste trabalho, a relação daqueles que foram destituídos de direitos humanos, como seres desprovidos da liberdade e também distantes da libertação.

MESA 37 – FILOSOFIA DA CIÊNCIA III

(10:00 - 12:00) – sala 10

Coordenador(a): Leandro Hollanda Araujo (Mestrando)

Victor Sholl (FFLCH | USP)

Orientação: Osvaldo Frota Pessoa Jr.

E-mail: victorsholl@gmail.com

“O argumento da exclusão causal: apresentação e perspectivas”

A apresentação trata de questões sobre causalção mental, i.é, os fenômenos em que um estado mental é causa de algo. Apresento o problema da exclusão, que é o principal problema em causalção mental de que os filósofos se ocupam. Além disso, apresento o argumento da exclusão, que visa concluir que o fisicismo não-reducionista leva ao epifenomenismo (a tese de que há estados mentais causalmente ineficazes). Apresento e discuto algumas alternativas principais em resposta ao argumento da exclusão. Exponho uma noção que defendo ser essencial para qualquer teoria de causalção mental que pretenda evitar o epifenomenismo. Por fim, discuto brevemente se o epifenomenismo seria de fato tão inaceitável como costumam defender.

Ícaro Ruis Cabral da Costa (FFLCH | USP)

Orientação: Osvaldo Frota Pessoa Junior

E-mail: ircabralcosta@gmail.com

“Confirmação em Arqueologia Processualista”

Neste trabalho buscaremos entender como se realiza uma confirmação em Arqueologia Processual, com o objetivo de mostrar a importância do uso das teorias e dos métodos na pesquisa arqueológica. Para isso, recorreremos a filosofia da ciência não só como um meio de análise, mas também para compreendermos a relação entre a Arqueologia processual e o neopositivismo lógico, relação essa que configura o mais evidente ponto de ligação entre filosofia e arqueologia.

Ricardo Garcez (FFLCH – USP)

Orientação: Pablo Rubén Mariconda

Financiamento: FFLCH PIBIC CNPq

E-mail: ricardo.garcez@usp.br

“A Interação de Valores e Atividade Científica na Psicanálise”

Este projeto tem como objetivo estudar o conceito de “Entendimento” de Hugh Lacey, aplicado à produção científica de Sigmund Freud, mais especificamente ao contraste entre O Projeto para uma Psicologia Científica e A Interpretação dos Sonhos. O método consiste em fazer leituras de obras indicadas pelo orientador. Será feita a leitura das obras: A filosofia como ciência de rigor, de Edmund Husserl, na qual o autor critica a psicologia experimental e a concepção da consciência como fenômeno natural, e Explanation and understanding de Georg Heinrich von Wright, que discute as compatibilidades e incompatibilidades de abordagens científicas de caráter nomológico, que explicam os fenômenos a partir de leis que descrevem seu comportamento, e abordagens sociológicas que buscam compreender os fenômenos a partir da intencionalidade dos agentes e dos significados de sua atuação.

Raquel Barbosa da Silva (UFABC)

Orientação: Renato Rodrigues Kinouchi

Financiamento: FAPESP

E-mail: raquelbarbosacontato@gmail.com

“O pragmatismo deweyano: uma investigação acerca da ação do pensamento no mundo”

John Dewey conferiu um caráter engajado à sua epistemologia quando enfatizou o papel da inteligência e do conhecimento para vida humana. A obra Experience and Nature (1925) desvela a relação intrínseca entre experiência e natureza, bem como evidencia o método desenvolvido pelo filósofo. Baseando-se no pensamento pragmatista clássico, pergunta-se: como a intervenção do pensamento pode alterar a configuração do mundo? O presente trabalho busca investigar a viabilidade das reflexões deweyanas quanto a questão supramencionada através da avaliação crítica do pensamento do filósofo.

Malu Pellachin de Souza Simongini Chioda (FFLCH – USP)

Orientação: Osvaldo F. Pessoa Júnior

Financiamento: MEC (PET)

E-mail: malu.chioda@usp.br

“Sobre os qualia cromáticos segundo Clyde L. Hardin”

Clyde L. Hardin, em seu artigo "Color qualities and the physical world", empreende uma busca: quais são as verdadeiras cores dos objetos? Esta pergunta subsume em si a motivação necessária para o embate, travado por nosso autor, com os realistas externistas de cor, i. e., aqueles cuja teoria estabelece que as cores se encontram nos objetos, exteriormente ao sujeito da cognição. Partindo-se de uma abordagem física, a qual nos diz que vários são os mecanismos físicos que podem gerar uma mesma cor percebida, Hardin transitará por questões ao mesmo tempo cervicais e delicadas para as teorias das cores e da percepção. Aponta-se, ao fim, para a fenomenologia como possível árbitra a julgar qual é uma adequada teoria das qualidades cromáticas.

Iasy Orides de Castro (UFG)

Orientação: Filipe Lazzeri

E-mail: iasyorides@gmail.com

“Noções acerca da teoria da causalidade de agente de Richard Taylor e Roderick Chisholm”

Qual é a natureza das ações humanas? R. Taylor e R. Chisholm trabalham com a ideia de que os seres humanos, enquanto agentes, são seres capazes de originarem suas próprias ações. Para ambos, os determinantes fundamentais dos comportamentos humanos que contam como ações não são os eventos antecedentes a esses comportamentos, tais como estados mentais (por ex. crenças, desejos), estímulos do ambiente etc. Antes, para que a ação ocorra, basta, que o agente a inicie, como uma causa sui generis. A causalidade de agente é um tipo especial de causalidade, diferente da causalidade entre eventos, que contrasta com a teoria causal da ação, de autores tais como D. Davidson. Neste trabalho, mostrarei como eles fundamentam a teoria da causalidade de agente, e também as dificuldades centrais em aderir a tal teoria.

17h00 – CONFERÊNCIAS

Rosane da Silva Borges (USJT – ECA | USP):

*“O presente contextualizado: uma política comum e os desafios em torno de
raça e gênero”*

André Vítor Singer (DCP | FFLCH | USP):

“O avanço de Dilma Rousseff e as causas do golpe parlamentar”

Marcos Severino Nobre (DF | IFCH | UNICAMP):

“O que podemos esperar do processo eleitoral de 2018?”

Maria Lygia Quartim de Moraes (DS | IFCH | UNICAMP)

“O futuro do passado”